

Alpheus Manghezi

Trabalho forçado e cultura obrigatória do algodão: O colonato do Limpopo e reassentamento pós-independência c. 1895-1981

Entrevistas 2

First published by Arquivo Histórico de Moçambique, CEA in 2003

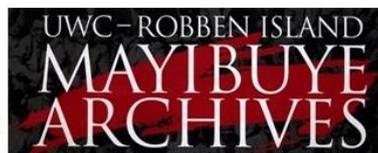
Republished in 2012 by the Ruth First Papers Project

www.ruthfirstpapers.org.uk



Institute of
Commonwealth Studies

SCHOOL OF ADVANCED STUDY • UNIVERSITY OF LONDON



UNIVERSIDADE
EDUARDO MONDLANE
CENTRO DE
ESTUDOS
AFRICANOS

MINDAWU BILA
[Nasceu ca. 1910]

Nota do Editor: *Parece ter sido um dos poucos régulos de origem nguni. O nome Zava é o de um importante induna de Ngungunyane que era responsável por Mandlakazi, a povoação de Ngungunyane, com a sua população e o seu gado.*

Ent: Onde nasceu?

Bila: Nasci aqui (Guijá).

Ent: O que é que fazia quando era jovem?

Bila: Na minha juventude, as raparigas eram ensinadas a trabalhar na machamba, a pilar milho, cozinhar e a tratar da casa. Isto é o que eu fazia quando era jovem. A minha mãe deu-me uma enxada e disse-me para ir para a machamba; deu-me um cântaro e disse-me para ir buscar água ao rio, e deu-me um pilão e disse-me para pilar milho.

Ent: E desta maneira cresceu até ser uma mulher, e ter de se confrontar com a situação colonial. O que é que nos pode dizer acerca dessa situação?

Bila: Sim, “vi coisas” durante o governo dos portugueses. Fui uma vez presa e levada para a casa do régulo, onde éramos obrigadas a trabalhar nas suas machambas e a maticar a sua casa. Nós maticávamos a casa do régulo enquanto as mulheres dele ficavam sentadas de braços cruzados, sem fazer nada.

Lembro-me de uma experiência terrível quando o meu irmão se casou. A data da festa tinha sido marcada, e eu fui para a casa dele de manhã muito cedo, para ajudar nos preparativos. Ia ser uma grande festa e eu estava ansiosa por que chegasse essa ocasião. O meu marido e alguns dos seus amigos seguiriam mais tarde, no fim da manhã, uma vez que tinham algumas coisas a resolver primeiro em casa. Estava quase tudo pronto quando chegou uma mensagem a dizer que o meu marido e os amigos não viriam ao casamento porque tinham sido capturados numa rusga para o *xibalo*. Eles estavam, na altura, na administração à espera do transporte que iria levá-los para os respectivos lugares onde iriam cumprir o *xibalo*.

Eu estava grávida na altura, e fiquei muito abalada. Não havia tempo a perder. Arrumei alguma comida e pus-me a andar para a

administração, na esperança de que ele pudesse ainda lá estar para poder comer alguma coisa antes de o levarem para longe. Chorei todo o caminho. Como estava grávida, não podia andar depressa, e estava a chorar. O meu marido teria desaparecido sem nós sabermos nada sobre isso se não tivesse um irmão a trabalhar perto da administração, que o viu entre o grupo que estava a ser conduzido na cidade por polícias armados. Foi o meu cunhado que mandou a mensagem para mim através de uns rapazes que estavam a brincar ali perto.

Cheguei antes de ele ser transportado, e conseguimos trocar algumas palavras. Entreguei-lhe a comida que trazia e voltei para casa. Eles foram levados para o *xibalo*, mas alguns fugiram depois, entre eles o meu marido.

Ent: Para onde é que os levaram?

Bila: Eles levaram-nos para aquele sítio – como é chamam agora? Namaacha, é para lá que os levaram.

Ent: Que tipo de trabalho é que eles faziam lá?

Bila: Não sei o que eles faziam.

Ent: O trabalho devia ser tomar conta de gado ou ajudar na construção da cidade.

Bila: Não sei, mas eles fugiram e foram para a África do Sul.

Ent: Como é que soube que eles tinham fugido?

Bila: Depois de eles fugirem foram passar a noite em casa de “parentes” (amigos), e tivemos notícias através destas pessoas. O meu marido foi para a África do Sul, mas depois regressou a casa: andava doente, e morreu pouco depois. Depois disso veio a cultura obrigatória do algodão, que causou grande sofrimento.

Ent: Antes de continuar a falar da cultura obrigatória do algodão, pode dizer-me o nome do régulo que a forçou a trabalhar em sua casa?

Bila: Foi o régulo Zava².

Ent: Porque razão vocês eram obrigadas a trabalhar para o régulo?

Bila: Nós não tínhamos feito nada de errado: no governo desse tempo, o régulo tinha direito a mão-de-obra gratuita: todas nós

² “*Ante*” pronúncia local de “*Até*”.

tínhamos que ir “ajudar” o régulo enquanto as mulheres ficavam sentadas sem fazer nada.

Ent: Quer dizer que todas as mulheres deviam ir trabalhar para o régulo sempre que ele exigisse, ou isso era apenas exigido a certas mulheres devido a determinadas circunstâncias?

Bila: Todas as mulheres estavam sujeitas a serem chamadas para trabalhar, sobretudo aquelas cujos maridos estivessem na África do Sul e tivessem impostos atrasados.

Ent: Obrigavam-vos a ir trabalhar para o régulo porque os vossos maridos estavam na África do Sul e não tinham pago o imposto?

Bila: Não ouviu o que eu disse? Eu disse que toda a gente devia ir trabalhar para o régulo sempre que fosse chamada. Durante a época de lavrar a terra, a seguir às primeiras chuvas, todos os homens e mulheres tinham que ir primeiro lavrar as machambas do régulo antes de irem para as suas próprias machambas. Os homens usavam a charrua, e nós seguíamos-los atrás lançando a semente.

Ent: O Zava tinha machambas grandes?

Bila: Sim, ele tinha machambas enormes.

Ent: Uma vez que o Zava fazia as pessoas cultivarem as suas machambas, ele fazia festas e convidava as pessoas depois da colheita?

Bila: Nunca! Ele nunca nos deu comida. Nós não só cultivávamos as machambas, como também sachávamos e fazíamos a colheita. Mas não recebíamos nada pelo nosso trabalho; ele ficava com toda a colheita.

Ent: E acerca da cultura obrigatória do algodão – qual foi a sua experiência?

Bila: Integrei-me na cultura obrigatória do algodão, e nós sofremos. Trabalhávamos sob a supervisão rígida dum capataz insensível que nos chicoteava pela mais pequena infracção às suas ordens. Por exemplo, exigiam-nos que queimássemos os caules do algodão depois da colheita, mas alguns destes capatazes não nos davam tempo para os caules secarem antes de serem queimados. Trabalhávamos duramente mas nunca nos pagavam o preço certo pelo nosso algodão. Como resultado, chegou uma altura em que achámos que era demais e parámos de cultivar algodão para os colonialistas.

Ent: Você pessoalmente teve de cultivar algodão obrigatoriamente, ou fê-lo voluntariamente?

Bila: Eles disseram que todos tínhamos que cultivar algodão e que todo o dinheiro ganho seria nosso. Pensámos que esta era uma boa ideia, e decidimos cultivar o algodão – “**para fazer dinheiro.**” Contudo, compreendemos logo que, embora nos tivéssemos voluntariado para produzir algodão, eles estavam sempre sentados atrás de nós, empunhando o chamboco, e forçando-nos a trabalhar.

Ent: De que tamanho era a sua machamba de algodão?

Bila: Eu era uma boa produtora de milho, amendoim e feijão, e tinha uma machamba separada para cada uma destas culturas. Então, para além destas, acrescentaram uma machamba de algodão, que eu tinha que cultivar sob vigilância.

Ent: Deve ter passado por um grande conflito entre ter que cuidar das suas culturas alimentares, por um lado, e da machamba de algodão por outro.

Bila: Uma pessoa acordava muito cedo de manhã, quando ainda estava escuro, e trabalhava na machamba de algodão, para depois ir, mais tarde, tratar das suas próprias machambas. Depois de fazer isso tudo, a pessoa não podia descansar segura de que podia ir para casa e almoçar, sem que o temível capataz aparecesse para dizer que não estava satisfeito com a forma como a pessoa tinha trabalhado na machamba de algodão. O seu almoço podia ser então interrompido porque isto significava que a pessoa tinha que interromper tudo o que estivesse a fazer e regressar à machamba, com ele a seguir atrás.

Ent: O que é que aconteceu realmente naquele dia em que vos bateram?

Bila: Quando eles vieram à minha machamba de algodão nesse dia, notaram que eu já havia queimado alguns dos caules secos, deixando os que estavam húmidos para secarem. Perguntaram-me porque é que não tinha queimado todos os caules, mandaram-me deitar fogo nos caules que estavam ainda húmidos. Fiz isso, e os caules fizeram um ruído “fiti, fiti, fiti”, antes de se apagarem. Sentei-me e observei enquanto (o Monteiro de Barros, encarregado do algodão) andava a recolher bocados de caules secos que ele conseguia apanhar. Depois de recolher caules suficientes, colocou-os por cima do monte de

caules húmidos. Todo o monte pegou fogo e ficou logo reduzido a cinzas. Então ele aplicou o *chamboco*!

Ent: Foi o Monteiro que a chicoteou pessoalmente?

Bila: Sim, isso era opressão! Ele disse que me estava a bater para me dar uma lição!

Ent: E esta foi a sua experiência com a cultura obrigatória do algodão, eh!

Bila: Esta foi a minha experiência pessoal com a cultura obrigatória do algodão. Quando chegou o novo governo, quando nos tornámos independentes, compus uma canção em recordação do sofrimento por que tínhamos passado. Sabe, nós sofremos a fazer trabalho forçado. Durante o *xibalo*, trabalhámos na construção de estradas, a carregar areia.

Ent: E isso era *xibalo*?

Bila: Nós trabalhámos naquela estrada, a estrada de Chibuto, e também naquela outra, a que vai para Mabalane.

Ent: Quantos meses trabalhou na construção de estradas?

Bila: Eles não contavam em termos de meses porque não era esse tipo de *xibalo* (com um contrato específico). Toda a gente fazia o trabalho de estradas – todos foram chamados para trabalhar na construção de estradas sem pagamento. Hoje, depois da independência, a vida é melhor porque já não estamos mais sujeitos ao *xibalo*. Quando os homens voltavam das minas, tinham que pagar 100\$00 ao régulo – “o pão do régulo”. Sim, todos os *magaízas* [trabalhadores emigrantes regressados], tinham de pagar 100\$00 ao régulo e, todavia, o régulo não fazia nada por eles. Os *magaízas* que não pagassem esta quantia eram levados para o *xibalo* [durante o tempo de férias]. Nesse tempo, se alguém abatesse um boi, era obrigado a cortar uma porção de carne e mandá-la ao régulo. Mas tudo isso pertence ao passado – agora estamos livres!

Ent: E a canção que disse que compôs na altura da independência?

Bila: A canção diz, “Nós dizemos obrigado a Machel”

Canção: Siya Bonga Machele

Musumi: Tanani mita vona, Siya bonga Machele zacha

Vapangalati: Siya bonga Machele zacha

Mu: Bongani Machele

Vap: Siya bonga Machele zacha

Mu: Bongani hinkwavo

Vap: Siya bonga Machele zacha

Mu: Bongani Moisés (tatana wa Samora)

Vap: Siya bonga Mac hele zacha

Mu: Na mamani n'waMathonga

Vap: Siya bonga Machele zacha

Mu: Va nga tswala xilwati

Vap: Siya bonga Machele zacha

Mu: Xi nga lwela tiko

Vap: Siya bonga Machele zacha

Mu: Ku sukela Rovuma

Vap: Siya bonga Machele zacha

Mu: "Ante²" Ka Maputsu

Vap: Siya bonga Machele zacha

Mu: Tolweni wa masiku

Vap: Siya bonga Machele zacha

Mu: A hi khoma xipadoro

Vap: Siya bonga Machele zacha

Mu: Xa ku tala misava

Vap: Siya bonga Machele zacha

Mu: Hi ya dhiba le-e

Vap: Siya bonga Machele zacha

Mu: Gha-hontlo-o!

Vap: Siya bonga Machele zacha

Tradução portuguesa: *Obrigado a Machel*

Regente: Venham ver, nós dizemos obrigado a Machel

Coro: Nós dizemos obrigado a Machel

Regente: Digam obrigado a Machel

Coro: Nós dizemos obrigado a Machel

Regente: Digam obrigado a Moisés (pai de Samora)

Coro: Nós dizemos obrigado a Machel

Regente: Digam obrigado à Mamã N'wa Mathonga (mãe de Samora)

Coro: Nós dizemos obrigado a Machel

Regente: Porque geraram um combatente

Coro: Nós dizemos obrigado a Machel

Regente: Que lutou pelo país

Coro: Nós dizemos obrigado a Machel

Regente: Do Rovuma

Coro: Nós dizemos obrigado a Machel

Regente: Ao Maputo

Coro: Nós dizemos obrigado a Machel

Regente: Anteontem, nós transportávamos o carrinho de mão

Coro: Nós dizemos obrigado a Machel

Regente: Carregado de areia

Coro: Nós dizemos obrigado a Machel

Regente: E descarregávamo-lo acolá

Coro: Nós dizemos obrigado a Machel

Observação: Esta é uma canção simples, leal, de exaltação ao herói, Samora, assim como aos seus pais. Os membros da comunidade interpretaram-na com um profundo orgulho emocional. A outra canção que Bila executou na entrevista era intitulada “Agostinho, meu marido”. Bila admitiu que não tinha sido ela a compositora desta canção:

Canção: Magostino, nuna wa mina

Mu: I Magostino, nuna wa mina, mamani

Vap: Ee, ha muke kaya

Mu: A n'wana wa rila a rilaka bava, mamani

Vap: Ee, ha muke kaya

Mu: Nzi ta muvona ka yine papayi wa wena, mamani

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: A África do Sul a wa hlweli va hlwela ka Mpfumo kunga ni Murhonga, mamani

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Wa xisuti xa ku tani xi fana ni kwembe, mamani

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Muheti wa mina ya nuna wa mina, mamani

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Se ndzi andlala mubedwa ku nghena nkolombwe, mamani

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Ndzi katinga timanga ti dyiwa hi khondlo, mamani

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Ndzi sweka vuputsu byi huma hunguva, mamani

Vap: Ee, ha muke kaya

Mu: Se ndzi andlala masangu ma dyiwa hi muhlwa, mamani

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Se ndzi ta ku yini nuna wa mina, mamani

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Oliveira a wu ndzi-sizi nuna wa mina, mamani

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: ndzi ta khwela xo xibomba ndzi ta fika ka Mpfumo, mamani

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Loko se a fika nsati wa kona, mamani

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Ite se wa vuya yele wanuna a cuvukisa

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Ali: "U huma kwini ke wena ke?"

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: “Wo lava yini?”

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Aku: “A vana va vabya nuna wa mina, mamani

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: A malin dza yi pfumala, nuna wa mina

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: aku: “Se kutani u sungulekile sweswi”

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Leswi tatana ku laveka leswako u famba na mina

Vap: Ee, ha muke kaya

Mu: Ndzi ta ku mangalela hikusa a wu lavi ku muka kaya

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Se vaku: “Ha, hee wena, famba uya mu mangalela loyi”

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Aku: “Hayi, ndzi sizi, ndzi swi tiwisisile nkata mina”

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Se kutani hi ta famba swoswi

Vap: Ee, ha muke kaya

Mu: Hi ta famba mundzuku

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Kambe ndza ha ta tlhela ndzi vuya

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Loko se fambe va fike laha kaya

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: A kuma leswaku impela ku hluphekile

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: O fika o mubvu nsati wa kona, aku a hi fambe

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Va famba va fika le Xilungwini

Vap: Ee, ha muke kaya

Mu: A kuma leswaku heyi, luya wa xisuti xa ku tani anga ha mulavi

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: Se aku: “Famba, se kutani a ndzi hluphiwa I wena”

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: ‘U ndzi hetela mali yanga ni nsati wa mina ndzi mutshika’

Vap: Ee, nuna wa mina

Mu: ndzi hetile, swo-o-o!

Tradução portuguesa: *Agostinho, meu marido*

Regente: É o Agostinho meu marido, oh, mãe!

Coro: Sim, vamos para casa

Regente: A criança está a chorar pelo pai, oh, mãe!

Coro: Sim, meu marido,

Regente: Eu não encontro o teu pai, oh, mãe!

Coro: Sim, vamos para casa,

Regente: Eles não demoram na África do Sul, demoram em Lourenço Marques onde há uma mulher ronga!

Coro: Sim, meu marido

Regente: Que tem umas ancas redondas como abóboras, oh, mãe!

Coro: Sim, meu marido

Regente: Que esbanja o dinheiro do meu marido

Coro: Sim, vamos para casa

Regente: Eu faço a cama mas é o lagarto que nela se deita, oh, mãe!

Coro: Sim, meu marido

Regente: Eu torro amendoim mas é comido pelos ratos, oh, mãe!

Coro: Sim, meu marido

Regente: Eu faço bebida mas fica insípida, oh, mãe!

Coro: Sim, vamos para casa

Regente: Eu estendo a esteira no chão mas esta é comida pelas térmitas, oh, mãe!

Coro: Sim, meu marido

Regente: O que é que eu posso fazer meu marido, oh, mãe!

Coro: Sim, vamos para casa

Regente: Oliveira (companhia de transportes) ajude-me por favor

Coro: Sim, meu marido

Regente: Vou apanhar o machimbombo e ir para Lourenço Marques, oh, mãe!

Coro: Sim, vamos para casa

Regente: E quando a mulher chega a Lourenço Marques, oh, mãe!

Coro: Sim, meu marido

Regente: Quando o marido voltou e a viu, oh, mãe!

Coro: Sim, vamos para casa

Regente: Ele diz: “, donde é que vens?”

Coro: “O que é que queres?”

Regente: Sim, vamos para casa

Coro: Sim, meu marido

Regente: Ela diz: “As crianças estão doentes, meu marido”

Coro: Sim, meu marido

Regente: Não tenho dinheiro, meu marido

Coro: Sim, vamos para casa

Regente: Ele diz: “Já começaste (com os teus problemas)”

Coro: Sim, meu marido

Regente: “Começaste agora”

Coro: Sim, vamos para casa

Regente: Ela diz: “Pai, se tu recusares vir comigo”

Coro: Sim, meu marido

Regente: “Eu vou queixar-me” (às autoridades)

Coro: Sim, meu marido

Regente: “Porque tu não queres ir para casa”

Coro: Sim, vamos para casa

Regente: Eles (os vizinhos) dizem: “Hei, vai apresentar queixa”

Coro: Sim, meu marido

Regente: Ele disse: “Por favor, tenha paciência; em compreendi, minha querida mulher”

Coro: Sim, vamos para casa

Regente: Ele disse: “Podemos ir amanhã”

Coro: Sim, meu marido

Regente: Ele disse: “vamos partir amanhã”

Coro: Sim, vamos para casa

Regente: Mas eu tenho que regressar (para a cidade)

Coro: Sim, meu marido

Regente: Quando chegam a casa

Coro: Sim, meu marido

Regente: Encontrou uma situação de grande pobreza

Coro: Sim, vamos para casa

Regente: Ele diz à sua mulher: “vamos partir”

Coro: Sim, meu marido

Regente: Eles voltam para a terra dos brancos (cidade)

Coro: Sim, vamos para casa

Regente: Ele descobre já que não gostava mais daquela que tinha ancas de abóbora

Coro: Sim, meu marido

Regente: Ele disse: “Vai-te embora; fizeste-me sofrer!”

Coro: Sim, vamos para casa

Regente: Tu esbanjaste o meu dinheiro e fizeste-me abandonar a minha mulher

Coro: Sim, meu marido

Mindawu Bila: A história acaba aqui.

Melisina Nhlongo: Muito bem, minha tia! A filha do Bila saiu-se muito bem!

MARIA NQAVANE

[Nasceu em 1947]

Entrevistada por Alpheus Manghezi na Aldeia
Comunal de Ximbongweni, Guijá, Província
de Gaza, Maio de 1980.

Ent: Que idade tem?

Nqavane: Nasci em 1947, aqui no Guijá.

Ent: O que é que fazia quando era jovem – os rapazes tomavam conta de gado e cabritos – o que é que as raparigas faziam nesta parte do país?

Nqavane: Eu fazia o mesmo trabalho que os rapazes.

Ent: Fazia o mesmo trabalho que os rapazes?

Nqavane: Sim.

Ent: Cuidou de bois?

Nqavane: Tomei conta de bois, e também fui para a escola.

Ent: O quê? Sabe montar uma *rigava*, um boi jovem?

Nqavane: Sim, sei, e também sei tocar *xighovia* [um instrumento musical feito de *massala*, tocado quase exclusivamente por rapazes pastores], assim como *musengle* ou *xitiringu* [flauta feita de bambu].

Ent: Onde está o seu *xighovia* agora?

Nqavane: Deixei-o em casa.

Uma mulher (na multidão): Ele quer ver; tem de apresentar o *xighovia* e tocar!

Ent: Porque é que deixou o *xighovia* em casa, se sabia que íamos conversar e cantar? Não faz mal; vamos continuar com a nossa conversa. Que mulher moçambicana emancipada, que toca *xighovia*, *xitiringu* e monta um boi!

Nqavane: Sim, sou uma mulher moçambicana libertada!

Audiência: (um grande aplauso)

Ent: Agora, diga-me, sabe guiar uma bicicleta?

Nqavane: Guio muito bem.

Um homem (na multidão): ha, haa, ela sabe tudo!

Ent: Uma vez que cresceu a cuidar de gado e a fazer coisas que se considera que são exclusivamente para rapazes, não teve depois dificuldades em encontrar um homem para casar?

Nqavane: Muitos homens não me queriam porque pensavam que eu não sabia sequer pilar milho.

Ent: Ehe!

Nqavane: Finalmente apareceu um, um jovem que teve pena de mim, e propôs-me casamento.

Ent: Ha, ha, ha!

Nqavane: Este homem percebeu que, embora eu não fosse capaz de pilar e cozinhar, tinha as minhas qualidades de mulher.

Ent: Ehe!

Nqavane: Por isso, casámos e fui viver com ele em casa dele.

Ent: É verdade que não sabia pilar nem cozinhar?

Nqavane: Eu sabia como fazer estas coisas, aprendi tudo isso ao mesmo tempo que tomava conta do gado, mas todos os jovens pensavam que eu não sabia e não queriam casar-se com uma mulher ignorante.

Ent: Pode ser que esses jovens tivessem medo de que, para além das coisas que aprendeu dos rapazes, podia ter aprendido também a lutar, e nenhum homem gostaria de se casar com uma mulher tão potencialmente “perigosa”!

Nqavane: Ha, ha, ha!

Ent: Depois de casar, que é que aconteceu então?

Nqavane: Eu queria era falar sobre a minha experiência sob o regime colonial. Quero contar-lhe que, depois de deixar de apascentar gado, casei-me e fui viver com o meu marido. Passei por dificuldades no regime colonial, mas mesmo assim, não tão mal como a geração mais velha que a minha. Por exemplo, pessoalmente sei muito pouco sobre a cultura obrigatória de algodão.

Depois de casarmos, o meu marido foi para a terra dos brancos – ele foi para a África do Sul e eu acompanhei-o até Lourenço Marques. No meu regresso de lá, fui presa e levada para a casa do régulo, onde me disseram que o meu marido devia o imposto de palhota. Uma vez que ele tinha ido para as minas na África do Sul, disseram que eu tinha a responsabilidade de procurar pagar os impostos em atraso. Disseram-me que o meu marido não pagava imposto havia dois anos, e eu tinha que ir trabalhar em casa do régulo até que o dinheiro fosse pago.

Segue-se uma descrição do que descobri enquanto trabalhava em casa do régulo: quando chegávamos a este lugar, fomos divididas em grupos de trabalho. Foram seleccionados dois grupos, com base no critério da “boa aparência”. Todas as mulheres bonitas ficavam em casa para lavar roupa, varrer a casa do régulo e cozinhar, enquanto que as restantes eram enviadas para trabalhar nas machambas do régulo, que incluíam machambas de algodão.

Enquanto as que estavam em casa do régulo faziam o seu trabalho, os polícias do régulo perseguiam-nas e exigiam favores sexuais. Se o régulo estivesse em casa, ele, naturalmente, tinha o direito de fazer a primeira escolha – ele seguia a mulher que considerava a mais bonita e desejável do grupo, e acompanhava-a quando entrava numa das casas para varrer e arrumar. Se a pessoa recusasse cooperar, então de certeza que, no dia seguinte era colocada entre as que iam para a machamba.

Contudo, as coisas eram mesmo piores nas machambas. Por exemplo, se alguma tivesse um bebé de peito, eles [os supervisores] não a deixavam amamentar quando a criança chorava de fome: eles diziam-lhe que devia trazer um biberão para o bebé. Quando me apercebi desta situação tomei uma decisão: aquilo não era para mim; eu não estava preparada para ser humilhada daquela maneira. Por isso fugi e encontrei trabalho em casa de um colono. Neste novo trabalho recebíamos *um xelim e seis pences* por dia. Trabalhei e guardei dinheiro até ter o suficiente para pagar as dívidas de impostos de um ano. Depois de pagar o valor de 385\$00, eles disseram-me que ainda havia dívidas do outro ano. Então escrevi uma carta para o meu marido na África do Sul, e ele voltou para casa. Quando ele chegou disseram-lhe que tinha que dar 100\$00 para o “pão do régulo”. Esta exigência veio mesmo antes de o meu marido ter tido tempo de pagar o seu imposto, o que significava que ele tinha que pagar 775\$00 no total. Só depois de este pagamento ser feito eu suspirei de alívio – agora podia descansar!

Ent: Vamos voltar um pouco atrás, ao tempo em que trabalhava em casa do régulo. Quem era o régulo?

Nqavane: Era o régulo Hlomani. Era na regedoria de Hlomani, mas o régulo na altura chamava-se Khondlani.

Ent: Não nos disse quanto tempo é que trabalhou em casa do régulo – pode-nos contar um pouco mais sobre o que aconteceu consigo enquanto trabalhava para Khondlani. Não precisa de nos contar nada que ache embaraçoso.

Nqavane: Trabalhei apenas duas semanas – ha! ha! ha!

Ent: Ha! ha! ha!

Nqavane: Apenas trabalhei duas semanas, mm!

Ent: Teve alguma “guerra” com o régulo?

Nqavane: Sim, nós lutámos.

Ent: Como é que fugiu para ir trabalhar em casa do colono?

Nqavane: Saí simplesmente; não apareci para trabalhar no dia seguinte.

Ent: Ehe!

Nqavane: Khondlani então mandou alguém para casa da minha sogra para saber porque é que eu não ia trabalhar. Ela disse-lhe que eu tinha ido procurar trabalho a fim de ganhar o dinheiro do imposto.

Ent: Eles não a perseguiram mais depois disso?

Nqavane: Não, eles não foram atrás de mim, embora o *nduna* do régulo quisesse. Depois de ganhar dinheiro suficiente, levei-o ao Matiyani Mashava, o *nduna* do régulo, e disse-lhe que aquele era o dinheiro que o meu marido devia de imposto.

Ent: Se tivesse escolhido trabalhar em casa do régulo em vez de ir procurar dinheiro para o imposto, quanto tempo é que teria que trabalhar lá?

Nqavane: Não nos davam um cartão que fosse marcado todos os dias em que se trabalhava; eles mantinham as pessoas lá – faziam-nas trabalhar e sofrer até escreverem para os maridos para enviarem o dinheiro necessário. O marido tinha que pagar um resgate antes de eles a libertarem.

Ent: E teve que escrever ao seu marido e descrever a intolerável situação em que se encontrava por causa desta falta de pagamento do imposto, pedindo-lhe para vir e resgatá-la.

Nqavane: É verdade!

Ent: E eles podiam mantê-la indefinidamente até receberem o dinheiro?

Nqavane: Sim, ainda faziam uma pessoa trabalhar, dia após dia.

Faziam uma pessoa trabalhar duramente nas machambas com uma enxada (que a pessoa trazia de casa).

Ent: Vocês cantavam algumas canções enquanto trabalhavam para o régulo?

Nqavane: Nunca cantei em casa do régulo. Eu apenas cantava em casa enquanto pilava milho, porque queria que os pais do meu marido ouvissem as canções tristes, para que eles também sentissem a dor que me ia no coração.

Ent: Aha!

Nqavane: Sim!

Ent: Gostaria de cantar alguma das canções que costumava cantar enquanto pilava?

Nqavane: Sim, há uma canção que eu gostaria de cantar, mas os outros devem acompanhar-me.

Canção: *Iyo, N'wana Mamani*

Mu: Iyo, n'wana mamani

Vap: Hiko iyo n'wana mamani

Mu: A ni ma tivi makhere ya kona

Vap: Makhere ya kona

Mu: I para n'ta kherela nuna wa mina

Vap: Nuna wa mina

Mu: A ni xitivi xibhomba xa kona

Vap: Xibhomba xa kona

Mu: A lexi xinga fambisa nuna wa mina

Vap: Nuna wa mina

Mu: I Danyela, nuna wa mina

Vap: Nuna wa mina

Mu: Daniel Sithoye a nga rhumela nuna wa mina

Vap: Nuna wa mina

Mu: Hi yena anga khiyela nuna wa mina

Vap: Nuna wa mina

Mu: A wu ni kombi xibhomba xa kona

Vap: Xibhomba xakona
Mu: I jele muni nuna wa mina
Vap: Nuna wa mina
Mu: ndlela a ni yitivi; xibhomba xakona
Vap: Xibhomba xakona
Mu: Niku iyo n'wa mamani
Vap: N'wa mamani

Tradução portuguesa: *Oh, filho da minha mãe!*

Regente: Oh, filho da minha mãe!
Coro: Filho da minha mãe
Regente: Não conheço o endereço
Coro: O endereço
Regente: Queria escrever para o meu marido
Coro: O meu marido
Regente: Não conheço o machimbombo que o levou
Coro: O meu marido
Regente: Foi o Daniel que o levou
Coro: O meu marido
Regente: O Daniel Sithoye (recrutador) “prende” o meu marido
Coro: O meu marido

Regente: Mostrem-me o autocarro que o levou
Coro: O autocarro
Regente: Que tipo de prisão é esta?
Coro: O meu marido
Regente: Não conheço o caminho, não conheço o autocarro
Coro: O autocarro
Regente: Oh, filho da minha mãe
Coro: Filho da minha mãe

Ent: Quando fala de prisão, quem estava na prisão – era você ou o seu marido?

Nqavane: Era eu, mm!

MELISINA NHLONGO

Entrevistada por Alpheus Manghezi, Guijá, 17 de Maio 1980

Ent: Mãe, por favor, diga-nos o seu nome.

Nhlongo: O meu nome é Melisa Matewu Nhlongo.

Ent: Nasceu nesta zona?

Nhlongo: Nasci aqui, em Hlomani.

Ent: O que é que fazia quando era jovem? Sabemos que os rapazes cresciam a apascentar bois e cabritos, depois disso eles iam para as minas na África do Sul.

Nhlongo: Quando eu tive idade suficiente, fui para a escola. Não fiquei lá muito tempo porque nessa época, logo que uma rapariga começava a desenvolver os seus seios, obrigavam-na a desistir da escola. Mesmo que os seios fossem muito pequenos, mandavam-na embora da escola, dizendo: “estás crescida, (demasiada) instrução vai tornar-te muito esperta” (com uma mentalidade muito independente). Deixei então de estudar, mas continuei com a escola, aos domingos, para a educação religiosa, visto que éramos muito jovens para participar nos serviços religiosos. Quando me tornei uma mulher, encontrei um homem, da família Bila, que me cortejou. Depois casámos e fui morar em casa dele.

O meu marido começou então a trabalhar em Mabalane como professor; de facto, nós fundámos a escola lá, abrimos a escola. Ensinámos naquela escola, mas os *van'walungo* (pessoas “do norte”) não estavam interessadas na instrução, eles não gostavam da escola. O meu marido adoeceu e ficou mentalmente perturbado e, por conseguinte, incapacitado.

Ent: É isso que aconteceu ao seu marido?

Nhlongo: Foi isso que aconteceu com o meu marido.

Ent: Mm-mm!

Nhlongo: Depois ele morreu e eu fiquei com o coração partido pela dor. Fiquei viúva muito jovem, com apenas três filhos. Pensei em voltar a casar-me, mas depois decidi participar no cultivo do algodão

por forma a sustentar o meu único filho sobrevivente – os outros dois tinham morrido. Eu fazia bebida [para a *tsima*] e criei o meu filho com os ganhos do cultivo do algodão. Nós éramos exploradas: alguém podia fornecer muitos sacos de algodão – vinte sacos, mas recebia muito pouco dinheiro por todo esse algodão.

Ent: Voltemos atrás e falemos um pouco sobre a educação.

Nhlongo: Mm-mm!

Ent: Você disse que nesse tempo, logo que os as mamás apareciam, obrigavam as raparigas a sair da escola. Quantos anos passou na escola antes de a tirarem?

Nhlongo: Eu fiquei lá três anos.

Ent: Que classe passou?

Nhlongo: Passei a *segunda*.

Ent: Depois foi afastada da escola?

Nhlongo: Sim.

Ent: Tornou-se também professora na escola?

Nhlongo: Não, não! O meu marido é que era professor.

Ent: A que igreja é que pertencia – era da Missão Suíça?

Nhlongo: Sim, era da Missão Suíça.

Ent: Você disse que após a morte do seu marido, começou a cultivar algodão. Isso foi em Mabalane?

Nhlongo: Não, foi aqui, porque voltei para casa dos meus pais, aqui no Guijá, Caniçado. Nós fomos para Mabalane por causa do trabalho, mas a nossa casa era aqui. Nós vínhamos de Mabalane para aqui para ajudar os nossos pais no cultivo, mas também tínhamos as nossas próprias machambas em Mabalane [culturas alimentares].

Ent: Em que ano deixou Mabalane e voltou para o Guijá, lembra-se?

Nhlongo: (Recorrendo ao Sr. Bila): Pai, pode ajudar-me, eu esqueci-me, faça-me lembrar, por favor.

Bila: Parece que foi em 1946.

Nhlongo: Nós ainda estávamos em Mabalane em 1946 e 1947... porque regressei para aqui em 1950.

Ent: Portanto, quando regressou para aqui em 1950 notou que as pessoas estavam a produzir algodão.

Nhlongo: Sim, decidi então participar no cultivo do algodão, sabendo, naturalmente, que este era um trabalho de exploração. O

meu marido trabalhou duramente no ensino e foi explorado porque recebia apenas 300\$00 por mês, o que era insignificante. Ele sofreu muito.

Ent: Você integrou-se voluntariamente no cultivo do algodão?

Nhlongo: Sim, tive que fazê-lo porque eu era muito pobre.

Ent: Quantos hectares é que cultivava, lembra-se?

Nhlongo: Não era uma machamba grande; era apenas um hectare porque eu tinha que cultivar também a minha machamba de milho.

Ent: Dividiu a terra em duas – uma para o algodão e outra para o milho?

Nhlongo: Não, eu tinha duas machambas separadas.

Ent: Não teve dificuldades em tratar de duas machambas ao mesmo tempo, sobretudo porque o algodão requer muito trabalho intensivo?

Nhlongo: O quê, o algodão requer muito trabalho!

Ent: Por favor, diga-nos tudo o que tem a ver com o cultivo do algodão, em termos de investimento de trabalho e os cuidados que requer.

Nhlongo: Primeiro, a terra tem de ser lavrada e depois devidamente alisada. Depois abrem-se sulcos e lançam-se as sementes, que são depois cobertas de terra para germinarem quando chover. Depois de germinarem e as plantas tiverem desenvolvido duas folhas, arrancam-se algumas plantas para que haja espaço suficientes entre as plantas. Quando duas plantas estão muito próximas uma da outra *não ficam felizes* (!)

Ent: E sobre a sacha – quantas vezes deve ser efectuada antes da colheita?

Nhlongo: (Com ar sério) A sacha é feita duas vezes, sendo uma terceira para garantir que não haja ervas trepadeiras que possa enrolar-se em volta das plantas de algodão e *sujá-lo*. O algodão é uma planta tão delicada que gosta ser mantida branca como o lírio. O solo à volta de cada planta deve estar limpo, de modo que mesmo que a “flor” caia, possa ser apanhada, com muito cuidado, sem ficar suja.

Ent: Essa é a altura em que está a “florir”.

Nhlongo: Sim, quando o algodão está a “florir”.

Ent: E a colheita, como é feita?

Nhlongo: Na colheita, as “flores” brancas (primeira) devem ser separadas das vermelhas (segunda). As flores brancas devem ser manuseadas com muito cuidado e colocadas em sacos muito limpos. Por exemplo, por forma a evitar a contaminação das flores de algodão, nunca se deve usar sacos que antes tenham contido espigas de milho, uma vez que o algodão é uma cultura muito difícil.

Ent: Quantos sacos de algodão produzia na sua machamba nos bons anos?

Nhlongo: Nos bons anos, e considerando que a minha machamba não era grande, eu era capaz de produzir cerca de vinte e cinco sacos.

Ent: Era algodão de primeira?

Nhlongo: Sim, algodão de primeira.

Ent: Nos anos 50, quanto é que vos pagavam por cada saco de algodão?

Nhlongo: Não sei quanto é que pagavam por cada Kg, mas os nossos pais (indicando o Sr. Bila e outros homens presentes) devem saber. Tudo o que sei é que quando eu fornecia vinte sacos, recebia 200\$00; e isto era uma insignificância..

Bila: Era 3\$00 por Kg.

Ent: Portanto, eram três escudos por Kg.

Nhlongo: E era, contudo, um saco cheio; o saco devia estar tão cheio que não era fácil levantá-lo e carregá-lo.

Ent: Sabemos que a produção de algodão criou grandes problemas nesta área, especialmente, para os que tinham que cultivá-lo coercivamente.

Nhlongo: Sim, isso é verdade!

Ent: Aqueles que foram forçados a produzir algodão, e por causa de todas as vigarices na altura em que o algodão era pesado nas vendas, recorriam algumas vezes a certos estratagemas, tal como nos disseram, neste encontro, como por exemplo juntar excrementos de galinha, para aumentar o peso. E os que produziam o algodão voluntariamente – recorriam alguma vez a estas estratégias?

Nhlongo: Yi-ii! Tínhamos medo porque, se descobrissem que alguém tinha contaminado o algodão, essa pessoa estava em apuros. Se eles notassem a partir do cimo do saco que o algodão não estava limpo,

eles então mergulhavam a mão bem fundo no saco e tiravam algum algodão para ver o seu aspecto. Se se descobrisse que tinham acrescentado algumas substâncias estranhas todo o carregamento era declarado de *segunda*. Nesse caso, a pessoa sofria uma grande perda. Nós tínhamos que ser tão cuidadosos que mesmo que os *capatazes do algodão* cavassem no fundo dos sacos para verificarem, não encontrassem nada de errado. Eles podiam então classificar o algodão como sendo de primeira, embora, com certeza, a pessoa ainda recebesse o mesmo preço explorador.

Ent: Uma vez que é uma cultivadora voluntária, os vigilantes do algodão ainda vinham para a sua machamba verificar se você trabalhava de acordo com as suas instruções?

Nhlongo: Não.

Ent: Não a seguiam nem a investigavam?

Nhlongo: Eles apareciam ocasionalmente quando tinham que me mostrar como manusear o algodão. Eles diziam “Faça isto desta ou daquela maneira”! Eles foram apenas uma vez porque a machamba tinha algumas sepulturas. Veja, no passado, cultivávamos à volta das sepulturas mas sem remover a erva e pequenas plantas, uma vez que estas eram usadas para demarcar a sepultura. Este campo era uma antiga residência dos meus parentes por afinidade, que foi desde então abandonada. Foi onde nasceu o meu marido, e nós transformámos isto numa machamba.

Um dia à tarde veio um branco. Ficou de longe e mandou o capataz para me chamar até onde ele estava à espera. Ele disse-me que tinha que limpar todo o capim e as ervas da sepultura. Eu não iria remover a sepultura, mas tive que limpá-la. Fiz o que ele me pediu *para lhe agradecer*. Um dia ele enviou uma mensagem através de umas pessoas, dizendo que eu devia esperar por ele na estrada num certo dia. Ele disse-lhes que queria dar-me uma recompensa porque eu era uma cultivadora exemplar. Mas eu só soube isso muito tarde porque as pessoas a quem foi confiada a mensagem nunca me disseram: eu teria recebido alguma coisa valiosa porque ele ficou impressionado pela maneira como eu tratava da minha machamba de algodão – Eu trabalhava duramente na esperança de ganhar mais dinheiro.

Ent: Nos anos 50, por exemplo, em 1958, houve conflitos nesta área por causa da cultura obrigatória do algodão.

Nhlongo: Yi-i, He-e!

Ent: Tinha conhecimento destas lutas?

Nhlongo: He, he-e! Houve grandes conflitos; conflitos sérios por causa do algodão.

Ent: Mm – hmm!

Nhlongo: Mm!

Ent: Uma vez que os que eram forçados a cultivar algodão participaram nestas lutas, e você, o que é que fez?

Nhlongo: Bem, fiquei fora do conflito. Todos os dias eu ia à machamba e cultivava e sachava, como esperavam que eu fizesse. Desta forma evitei entrar em confusão. (Se a pessoa não cumprisse,) eles (as autoridades do algodão) vinham à sua casa ao meio dia, justamente quando a pessoa acabava de voltar das machambas, e forçavam-na a voltar para trás e trabalhar um pouco mais. Eles gritavam “famba, famba”! (vai, vai!) fazendo a pessoa sofrer.

Um homem na audiência: Não tenha medo; conte a verdade: eles mostraram algum respeito por si porque era viúva.

Ent: É verdade que eles mostraram algum respeito por si porque era viúva?

Nhlongo: Bem, sim, isso é verdade.

Ent: Receio que tenhamos que nos apressar por falta de tempo. Você hoje é residente na Aldeia Comunal 7 de Abril. É membro da Organização da Mulher Moçambicana?

Nhlongo: Estou na OMM. Sou encarregada dos Serviços Sociais.

Ent: Quais são as suas responsabilidades nesta posição?

Nhlongo: Ajudamos as mulheres que tenham problemas nos seus lares; também lidamos com disputas entre casais quando eles nos abordam com os seus problemas. Quando não conseguimos resolver o problema, remetêmo-los a outras estruturas na comunidade. Se o assunto não puder ser resolvido a esse nível, será então remetido à Administração Distrital.

Ent: Muito obrigado.

OSELINA MARINDZI

[Nasceu antes de 1930]

Entrevistada por Alpheus Manghezi em Ximbongweni no dia 15 de Maio de 1980. Da brigada fazia parte José Mazivi.

Entrevistador: Gostaria que me dissesse que se passou consigo, que tipo de vida levava aqui em casa, durante estes anos em que o seu marido estava ausente, nas minas da África do Sul e em que teve de ganhar a sua vida sozinha.

Marindzi: Hei-de contar alguma coisa do meu sofrimento. Eu sofri bastante porque o meu marido foi para as minas e não voltou para casa pelo medo que teve do xibalo. O que costumava acontecer nestes tempos era que o meu marido voltava das minas para passar férias e que na manhã depois da sua chegada iam buscá-lo para o xibalo. Foi isto que os colonos fizeram para fazer-nos sofrer. Depois de ele ter ido para o *Joni* [John] para voltar nunca mais², fiquei aqui sozinha e tive de cultivar algodão para pagar o imposto de palhota que eles disseram que ele devia ao regime colonial. Fomos sovados por pessoas como Albino Mabunda durante o cultivo forçado de algodão. Eles bateram-me e rasgaram o meu cartão de algodão, alegando que eu era uma mulher que só causava problemas, mas eu não era uma mulher que causava sarilhos - eu estava apenas cansada de cultivar algodão forçadamente, algodão do qual não tirava nenhum benefício. Eu fui sendo castigada pelo facto que o meu marido ter fugido do país porque receava ser recrutado para o xibalo. Por causa deste sofrimento, eu costumava voltar para a casa depois do trabalho no campo, ficando sentado e pensando, desesperadamente, o que havia de fazer, aonde havia de ir, e como havia de lá chegar. Devido ao meu desespero, costumava cantar a canção seguinte quando pilava o milho³:

² N.C.: Voltou apenas quando estava já velho. Uma entrevista com o marido e filho de Oselina- este último trabalhava no hospital de Chókwe - tinha sido planificada mas não foi realizada por falta de tempo.

³ N.E.: O autor diz "moía o milho" mas Guijá pertence a uma zona onde se pilava o milho geralmente.

Canção : Nta muka hi kwini

Musumi: Nta muka hi kwini?

Vapangalati: He, nta muka hi kwini?

Mu: Ndzo kayakaya mino-o!

Vap: He, nta muka hi kwini?

Mu: Nuna wa mina a kholwe ngopfu mino-o!

Vap: He, nta muka hi kwini yini?

Mu: Nkomati yi tele; nta fambisa ku yini?

Vap: He, nta muka hi kwini?

Mu: Milambu yi tele; nta muka hi kwini?

Vap: He, nta muka hi kwini yini?

Mu: Mumithi [Limpopo] yi tele; nta fambisa ku yini?

Vap: He, nta fambisa ku yini?

Mu: Nta muka hi kwine-e?

Vap: He, nta muka hi kwini?

Mu: Nta muka hi kwine-e' ?

Canção: Aonde hei-de ir?

Aonde hei-de ir ?

Como hei-de chegar lá?

O meu marido está a sofrer, aí, pobrezinha de mim!

O meu marido fugiu há muito tempo,

Aí, pobrezinha de mim.

Como hei-de chegar lá ?

Há cheia no rio Incomati,

Há cheia nos rios,

Há cheia no Mumithi [Limpopo],

Há cheia nos rios.

Aonde hei-de ir ?

Como hei-de chegar lá?

Tenho o coração deprimido e destroçado,

Aí, pobrezinha de mim,

Como hei-de chegar lá?

Cantei esta canção pelo grande sofrimento que nos afligiu devido à acção de colonos como Monteiro⁴; eles nos fizeram sofrer porque os nossos maridos tinham fugido e ficaram no Joni [John] devido ao medo que tiveram do xibalo, e esses colonos roubaram-nos toda os nossos recursos. Nem se teria atrevido olhar para mim quando cantei esta canção porque estava nua - só tinha trapos porque não tinha dinheiro para comprar roupa. O meu marido nem me mandava uma carta porque tinha medo do “fogo” aqui em Moçambique - o “fogo” do xibalo. Isso é a minha história. Paro aqui.

Ent: Não saia! Gostaria que cantasse a canção outra vez, e vou pedir o resto da gente aqui para acompanhar?

Marindzi: Quer que eu cante outra vez?

Ent: Sim, quero que cante outra vez a mesma canção.

[Canção: Aonde hei-de ir?]

Regente: Aonde hei-de ir ?

Coro: Hee, como hei-de chegar lá?

Regente: O meu marido está a sofrer, aí, pobrezinha de mim!

Coro: Hee, como hei-de chegar lá?

Regente: O meu marido fugiu há muito tempo,

Coro: Hee, como hei-de chegar lá ?

Regente: Há cheia no rio Incomati, como hei-de chegar lá?

Coro: Hee, como hei-de chegar lá?

Regente: Há cheia nos rios, como hei-de chegar lá?

Coro: Hee, como hei-de chegar lá?

Regente: Há cheia no rio Mumithi [Limpopo], como hei-de chegar lá?

Coro: Hee, como hei-de chegar lá?

Regente: Aonde hei-de ir?

Coro: Hee, como hei-de chegar lá?

Regente: Tenho o coração deprimido e destróçado, oh, pobrezinha de mim!

Coro: Hee, como hei-de chegar lá?

⁴ Agente de propaganda da Algodoeira do Sul do Save, António Monteiro de Barros, em Caniçado desde 1950, pelo menos.

Ent: O que que significa se diz :”Aonde hei-de ir? Como hei-de chegar lá?”

Marindzi: Falo do sofrimento, porque não tinha meios de escapar, de escapar desta situação. O meu marido abandonou-me e não mandava nada para me apoiar e fico aqui e sofro. Nem posso voltar para a casa dos pais porque estou amarrado pelo lobolo; se voltasse para a casa dos pais, a família do meu marido iria pedir a devolução do gado pago como lobolo. Por causa disso tudo, eu estava obrigada a ficar aqui [entre dois rios em cheia] e sofrer: É isso que a canção significa.

Ent: Foi você quem compôs esta canção?

Marindzi: A canção foi composta por causa da pobreza e do sofrimento e como resultado da fuga e longa ausência do meu marido.

Ent: Ainda há outras canções que compôs?

Marindzi: (silêncio)

Ent: Esta é a única que compôs?

Marindzi: Não, há outras (pouco convincente).

Ent: Gostaria que cantasse uma outra canção se houver.

Marindzi: Não tenho outra.

Ent: Vamos deixar o cantar para um outro momento, e continuar com a nossa conversa. Era este tipo de canção que eu esperava ouvir quando vim para aqui. É o tipo de canção que as mulheres cantavam no Transvaal onde nasci; e estas mulheres, como você, tinham filhos e seus maridos que estavam ausentes nas minas e fábricas de Johannesburgo e outros centros industriais. Agora, conta-me mais acerca do seu marido: porque é que ele foi preso para o xibalo e quantas vezes é que ele tinha de fazer xibalo.

Marindzi: O meu marido foi levado várias vezes para fazer xibalo. Uma vez ele foi levado para Xinavane, e quando ele estava lá viajei toda a distância até lá para trazer comida porque lá eles passavam fome. Foi quando ele estava em Xinavane que ele desertou e escapou para Joni, mas não sei como ele escapou realmente.

Ent: Era esta a vez quando ele escapou definitivamente?

Marindzi: Esta foi a vez quando ele me abandonou, ele nunca mais voltou para casa.

Ent: Ele não voltou?

Marindzi: Ele voltou apenas quando era um homem velho.

Ent: Ele voltou apenas quando era um homem velho, ah sim?

Marindzi: Como ele era muito velho agora já não podiam levá-lo para o xibalo⁵.

Ent: Ainda está vivo?

Marindzi: O quê?

Ent: O seu esposo ainda está vivo?

Marindzi: Ele ainda existe, mas está muito velho.

Ent: Aonde está ele? Ele está em casa?

Marindzi: Ele está em casa. Ele está a “cultivar tabaco no *nyaka*”⁶

Assistência: (risos altos: há! Há! Ha-a-a)

Ent: Ele está agora “cultivar tabaco”, esse é o seu trabalho das minas agora, eh? Sabe quanto tempo ele ficou no Joni depois de fugir.

Marindzi: Não sei.

Ent: Ele ficou ausente por muitos anos?

Marindzi: Muitos, muitos anos.

Ent: E durante este tempo ficou em casa sozinha?

Marindzi: Eu fiquei lá fechada.

Ent: Vocês já tinham filhos antes de ele fugir?

Marindzi: Tínhamos dois filhos antes de ele ser recrutado para o xibalo de que ele depois escapou. Estes filhos cresceram, casaram e tinham filhos próprios antes de o meu marido pôr o pé novamente no Guijá [Gidjani].

Ent: Compreendo.

Marindzi: Sim, foi nesta altura que ele regressou.

Ent: Que foram as suas experiências enquanto que o seu marido estava ausente no Joni? Foi alguma vez presa? [Pergunto] porque mencionou os problemas que teve com Albino Mabunda.

Marindzi: Eles não me prenderam e não me levaram para o xibalo porque produzia algodão e eles sabiam que eu já não lhes escapava.

⁵ Possivelmente depois de 1960, quando o xibalo praticamente acabou em Gaza e Inhambane.

⁶ *Nyaka* é um tipo de solo fértil nas baixas, mas a expressão “cultivar (ou plantar) tabaco no *nyaka*” é utilizado localmente no sentido de que alguém é velho demais para ser de muito préstimo.

Ent: Você teve um pedaço de terra reservado para o algodão?

Marindzi: Nunca levaram alguém para xibalo que estava a produzir algodão porque desta cultura [pedaço de terra] eles receberiam o dinheiro para os impostos deles.

Ent: Que que foi a sua experiência nesta área, entrou num conflito sério com as autoridades?

Marindzi: Eles bateram-me, que que pensa foi a causa, porque eles confiscaram e rasgaram o meu cartão de algodão?

Ent: Pode explicar o que que aconteceu neste dia quando a bateram.

Marindzi: Eles bateram-me alegando que tinha misturado algodão de segunda com cocó de galinha.

Ent: Ah sim!

Marindzi: Sim, eles alegavam isso e bateram-me depois.

Ent: Foi isso que aconteceu?

Marindzi: Sim, de facto tinha escolhido o algodão, separando o da primeira e da segunda.

Ent: Ah, sim!

Marindzi: Tinha feito um bom trabalho.

Ent: Não é possível que tenhas posto lá dentro algum cocó de galinha para aumentar o peso⁷?

Marindzi: Não juntei nenhum coco de galinha. O único cocó de galinha que encontraram no algodão estava lá porque esta “filha” da galinha tinha dormido por acaso em cima do saco na noite antes da entrega do algodão. (Isso foi seguido por uma aprovação viva da audiência).

Ent: E no que toca a este Albino Mabunda, ele era o quê?

Marindzi: Ele era o capataz.

Ent: Ehée!

Marindzi: Mmh.

⁷ N.A.: Isso era um dos métodos para exprimir a resistência contra o cultivo forçado de algodão. Outros objectos como areia, pedras e abóboras foram muitas vezes colocados nos sacos com algodão para aumentar o peso no acto da pesagem e para sabotar as fábricas de descaroçamento de algodão. Nesta entrevista, Osalina Marindzi usou o vocábulo *macimba* (merda) em vez de *vulongo bya tihuku* (uma palavra educada para bosta ou estrume de galinha), que seria mais apropriado porque queria exprimir a dor e raiva que ela ainda sentia no coração.

Ent: Ele vive ainda?

Marindzi: Ele pode ouvi-lo quando fala! Ele é membro do Grupo Dinamizador. Trabalhamos com ele e ele esqueceu agora todo o sofrimento e miséria que ele nos causou a nós!

Público Assistente: Há!Ha! ha-a-a!

Ent: Muito obrigado, não vamos aprofundar isto. E enquanto ao Monteiro? Quem era ele?

Marindzi: Ele era o chefe do algodão.

Ent: Ele era o chefe do algodão, realmente?

Marindzi: Ele era o chefe dos capatazes, tais como Albino Mabunda, foi ele quem lhes pagava. Os capatazes levaram-nos para sermos julgados pelo Monteiro de ofensas que poderíamos ter cometido.

Ent: *Khanimambo.*



OS ANCIÃOS DE GUIJÁ (MADODA YA GIJANA)

Entrevistados por Alpheus Manghezi. Guijá, 18 de Maio de 1980

Esta entrevista foi feita a um grupo de homens que, nas suas vidas, estiveram intimamente envolvidos na migração laboral, no trabalho forçado, na cultura obrigatória do algodão e nas lutas à volta destas questões no Vale do Limpopo. A entrevista, que vai desde a história do Império de Gaza, no período de Mudungazi Ngungunhana à chegada dos colonos portugueses nos anos 50, foi realizada em casa de Gabriel Mukavi. Segue-se um extracto da referida entrevista.

As pessoas entrevistadas são:

Gabriel Mukavi

Abner Ngwenya

Zacarias Makukule

Eduardo Nkuna Machele (ex-régulo)

Eliaza Nhlongo

Ent: Estou interessado na criação do Colonato do Limpopo e na chegada dos colonos portugueses para se estabelecerem aqui. Podemos começar com Abner Ngwenya?

Ngwenya: Testemunhei, de facto, a chegada dos colonos portugueses nesta área. Eles começaram a chegar aqui em 1953. Trigo de Morais recrutou-os de Portugal para virem colonizar-nos nesta terra de Guijá. Nem sequer tinham sapatos quando chegaram aqui pela primeira vez. Os brancos daqui deram-lhes cobertores, roupa e sapatos quando desembarcaram no porto de Lourenço Marques. Isso foi feito à noite para que os negros não vissem que aqueles colonos estavam mal vestidos e descalços. De manhã foram então colocados num comboio com destino ao Guijá.

À sua chegada ao Guijá, deram-lhes casas, deram-lhes machambas para cultivar, deram-lhes gado que tinha sido comprado em Muhambe, ao Capela, uma junta de bois e uma vaca leiteira. Sim, deram-lhes gado para criar, tirar leite, para usar na lavoura, e ainda lhes deram charruas.

Não empregavam ninguém para cultivar para eles, pois eles faziam isso sozinhos – marido e mulher, com as suas próprias mãos. Os

colonos faziam isso. Assim, acontecia que quando um negro pedia à sua própria mulher: “minha mulher, podes fazer-me isto ou aquilo” a resposta era “eu não sou colono ...” (para fazer tais serviços baixos). Os negros olhavam para os colonos com desdém.

Por exemplo: achávamos muito estranho ver os colonos a andar de casa em casa a vender couves que eles carregavam à cabeça em cestos cónicos, apregoando “couve, couve!”. Nesta área, nós não sabíamos que os brancos podiam andar por aí a vender legumes. Nós olhávamo-los com desprezo, mas eles sabiam o que estavam a fazer – eles tinham um objectivo.

(Quando eles chegaram), eles estavam preparados para deixar as suas filhas casar nas famílias negras, nós os changana de Guijá. Quando eles chegaram aqui, viram, por exemplo, que os membros da família Chambale iam de bicicleta à machamba, enquanto eles, os colonos, andavam a pé. Quando eles vieram para o Guijá não esperavam encontrar pessoas com bem-estar social, como os Chambale. Isso tornou-se um problema tão sério que tiveram de pedir a intervenção do administrador, que teve de lembrar aos colonos para não se esquecerem de que não podia haver cruzamentos entre raças.

Os colonos produziam três culturas principais, nomeadamente milho, algodão e trigo. Também plantavam árvores de fruta e receberam bananeiras para plantar nas suas machambas. Como tinham o apoio do governo, eles não demoraram muito a obter resultados. Eles fizeram alguns avanços depois de dois ou três anos. Foi nesta altura que os negros começaram a aproximar-se dos brancos à procura de emprego. Por essa altura os colonos tinham formado uma cooperativa onde eles podiam pedir emprestado dinheiro para pagar salários aos trabalhadores negros, que estavam fixados em dois xelins por dia (20 xelins = 100 escudos).

Aos negros era também dada terra ao mesmo tempo que os colonos, mas esta era mais pobre, eram terras arenosas, não adequadas para o trigo. Os colonos prosperaram e compraram tractores e outros utensílios. Eles abandonaram logo o cultivo do algodão porque descobriram que não podiam produzir algodão de primeira através do sistema de irrigação, mas apenas o de segunda. Abandonaram também a produção de trigo.

Ent: Eles deixaram de produzir trigo nas suas machambas?

Ngwenya: Sim, nas suas machambas. Eles pararam de plantar laranjeiras – cortaram-nas todas; pararam de plantar bananeiras e começaram a produzir arroz. Eles cultivavam arroz, cultivavam batatas, cultivavam cebola, cultivavam alho e couve. Eles cortaram todas as árvores, queixando-se de que as árvores atraíam os pássaros que comiam o arroz.

Então, nós, os donos da terra, viemos trabalhar para os colonos. Isso acontecia particularmente para nós da margem norte do Limpopo, que afluíamos ao Colonato nos tempos de seca e fome: fomos trabalhar para os colonos que havíamos ridicularizado (quando chegaram pela primeira vez).

Os colonos tornaram-se prósperos. Alguns deles abriram hotéis em Lourenço Marques. Outros abriram lojas e começaram a fixar-se em diferentes partes do país para fazer agricultura. Eles ainda subornaram o administrador para este permitir-lhes abrir machambas na terra de um dos nossos régulos, um homem chamado Mahuhe. Um colono tomou a terra do régulo e cultivou-a até à porta de casa. O que é que podíamos fazer, nós éramos pessoas derrotadas. Foi assim que testemunhei a chegada dos colonos quando eles vieram colonizar as terras do Limpopo através da agricultura.

Ent: Quem era essa pessoa chamada Capela, de Muhambe?

Ngwenya: Capela era um comerciante e criador de gado. O seu primeiro negócio em Chibuto foi o transporte público; ele ia recolher os magaiças em Xinavane. Prosperou e começou a comprar lojas. Até então, as lojas que aqui tínhamos pertenciam aos indianos, mas o Capela comprou-as. Ele também tomou conta das lojas em Ngomani, em Javanyana [Javanhane], em Xibhabela, em Chaimite e uma em Muyanga. Ele então comprou gado. O gado era tão barato que o compravam por uma ninharia. Nos tempos de seca, eles cobravam-nos um boi por uma lata de amendoim. Este branco criou gado, que se reproduziu e multiplicou. Ele então mudou da raça local e trouxe a raça africânder – o gado vermelho, e era este gado que era distribuído aos colonos à sua chegada ao vale do Limpopo. A família Capela ainda hoje é comerciante.

Ent: Quer dizer que a família Capela ainda vive em Gaza?

Ngwenya: A família ainda está viva mas, o próprio Capela já morreu – parece que ele morreu no ano passado.

Ent: Você falou da família Chambale, os tais que possuíam bicicletas quando os colonos chegaram. Quem eram eles?

Ngwenya: Eles são (eram) os donos da Vila do Xokwe (Chókwè).

Nkuna: Eles são a família Chókwè.

Ngwenya: Sim, eles são a família Chókwè. Chókwè era o seu “avô”, que fundou a vila. Eles fundaram o Chókwè. As machambas que foram expropriadas pelos colonos e a partir das quais eles prosperaram pertenciam à família Chókwè. Os Chambale foram removidos e realojados numa terra pobre e menos produtiva. Sim, estes eram os Chambale, a família Chókwè.

Ent: Muito obrigado. E o *Bava** Makukule, gostaria de acrescentar algo sobre o que nos disse o Ngwenya?

Makukule: Não tenho nada a acrescentar porque o Ngwenya “convenceu-me”.

Ent: E o *bava* Mukavi, tem alguma coisa a acrescentar ao que ouvimos?

Mukavi: *Bava* Nkuna terá alguma coisa a acrescentar.

Nkuna: Bem, a história do Colonato do Limpopo é um assunto que conheço muito bem. Eu fiz parte dessa história; vivi essa experiência. Não vou comentar sobre o que o Ngwenya disse, mas vou contar-vos como é que o **Projecto** começou. A pessoa que concebeu este projecto foi um engenheiro chamado Trigo de Morais, que era amigo e braço direito de Salazar. Qualquer conselho que ele desse a Salazar era aceite. Tudo quanto Trigo de Morais solicitasse a Salazar era-lhe concedido. Por isso, foi ele quem fez o estudo do projecto em 1924-25. Ele veio cá e andou por aqui às voltas com dois brancos. Não conhecemos os nomes destas duas pessoas, mas podemos descrevê-las pela sua aparência.

* N.T. – *Bava* – forma de tratamento que se dá a pessoas mais velhas em sinal de respeito, e que significa “pai”.

Um deles usava óculos, e demos-lhe o nome de *Mafasitela* (da palavra “venster” em africânder, que significa “janelas”). O outro era calvo, e demos-lhe a alcunha de *Mpandlani* (careca). Eram estes os dois homens que acompanhavam Trigo de Morais. Observámo-los a passear, a escavar e a recolher pedras, mas não tínhamos a mais pequena ideia do que eles estavam a fazer, ou o que eles queriam fazer! Penso que isso aconteceu em 1924-25, e só foi em 1953 que vimos o que eles queriam fazer! Mas nessa altura já tínhamos esquecido o que vimos em 1924-25.

Vimos este homem, Trigo de Morais; reapareceu (1953) e foi recebido na Administração. Nós, os chefes, fomos convidados e fomos informados de que aquele era o *Engenheiro* Trigo de Morais, que tinha ali estado em 1924-25, no tempo do administrador a quem chamavam *Xikosi* (nuca), que nessa altura o recebeu. O administrador deu-nos instruções: “Ele, o Trigo de Morais, está aqui. Vocês os chefes devem instruir os vossos *ndunas* para procurar e indicar onde foram colocadas algumas pedras.” Nós cumprimos as ordens. Havia um agrimensor que nos indicava onde é que estavam as pedras, algumas das quais não se viam porque estavam cobertas de areia. O agrimensor dizia-nos para cavar em certos lugares, onde encontrávamos algumas pedras a cerca de um metro de profundidade. Eles então olhavam para todas as marcas nas pedras e diziam: “Sim, Chókwè, este lugar onde está a sua casa é onde será a cidade do Colonato.” E Chókwè disse: “O quê?”, ao que eles responderam: “Sim, justamente aqui onde você está. Aqui será uma cidade; esta é a cidade!”

Anciãos: (Todos riram)

Nkuna: A cidade foi fundada e a família Chókwè foi retirada do lugar que é hoje a cidade (Chókwè). É onde estava a propriedade da família Chókwè. Eles foram empurrados para trás e colocados de forma dispersa do outro lado da linha férrea. Foram expulsos antes de trazerem trabalhadores para o *xibalo*, para construírem a cidade, e isso levou um ano.

Vimos tractores a arrancar árvores das nossas machambas. Ficámos perplexos e perguntámos o que é que estava a acontecer. A resposta que obtivemos foi que estavam a distribuir terreno para cada casa, (veja), as casas foram construídas mesmo antes de os colonos chegarem; eles

construíram casas para eles antes de chegarem! Os colonos chegaram; os colonizadores brancos chegaram. Após a sua chegada, eles começaram a trabalhar nos campos que já estavam preparados para eles. É isto que quero acrescentar ao que o Ngwenya disse, e também mencionar a origem real do Projecto; Trigo de Morais começou em 1924-25.

É verdade que os colonos eram pessoas muito, muito trabalhadoras. O marido começava a trabalhar com uma junta de bois de manhã cedo, e a mulher preparava comida e levava-a para o campo. À hora do almoço, quando ele parava de trabalhar, prendia os bois e dava-lhes capim para comer e água para beber. Voltava de novo para o trabalho às 14.00 horas e largava às 16 ou 17.00 horas. Eles trabalhavam duramente – trabalhavam eles próprios, com as suas mãos, visto que não tinham dinheiro para empregar trabalhadores. De facto, esta era uma das normas (dos seus contratos), eles estavam proibidos de contratar trabalhadores. No início era assim, mas logo que começaram a ter algum rendimento da sua produção, começaram a contratar trabalhadores. Trigo de Morais permitiu-lhes então contratar trabalhadores.

O que eu gostaria de acrescentar é que depois dos primeiros dois hectares (oferecidos aos africanos), Trigo de Morais, com a sua propaganda (de não discriminação) conseguiu enganar muito bem os *valandi* (termo depreciativo para negros). Ele ordenou, então, a construção de outras casas, e ofereceu-as juntamente com machambas maiores de quatro hectares aos negros que estivessem preparados para integrar o Colonato. Ele disse: “...vocês receberão também bois, *tal como os brancos, porque vocês são portugueses; Moçambique é uma parte (Província) de Portugal*”.

Alguns negros aceitaram a oferta e tomaram posse das casas, enquanto outros recusaram e disseram que não estavam interessados em fazer parte do Colonato. Eles disseram: “...Não, não queremos viver nas casas dos brancos; dêem-nos terra para cultivar!” A família Chókwe foi a primeira a recusar integrar-se no Colonato. Eles foram os primeiros a ser chamados para fazer parte do Colonato depois de terem sido retirados compulsivamente, e tinham um intenso ódio contra Trigo de Morais. A família Chókwe disse a Trigo de Morais: “...se quer que nós venhamos para as vossas casas, será na condição

de que não tenhamos que nos tornar *assimilados*, visto que pretendem que sejamos portugueses. Vocês esperam que nós nos tornemos realmente assimilados, que nos tornemos portugueses?” Dêem-nos terra para cultivar, e fá-lo-emos a partir das nossas casas. Nós somos agricultores, e vocês encontraram-nos a fazer justamente isso quando chegaram.” A família Chókwe nunca se integrou no Colonato.

Eles então enviaram um administrador “*intendente*”, um branco chamado António Calçada Bastos,² para vir aconselhar (persuadir os negros a integrarem-se no Colonato). Ele fez uma lista daqueles que queriam fazer parte do Colonato de acordo com a sua área ou distrito administrativo de origem, e os de Manjacaze, de Inhambane etc., vieram para frente e registaram-se. Quando as pessoas do Guijá se aperceberam do que estava a acontecer, a sua reacção foi: “Hei, vamos perder e ficar para trás, enquanto que os de Inhambane, os chopes e outros estão a entrar no esquema!” Eles começaram então a vir integrar-se. Houve negros que se integraram, trabalharam duramente e compraram tractores. Alguns ainda conseguiram aumentar a sua terra em quatro a seis ou sete hectares.

Isto aconteceu quando os portugueses perceberam que a situação política estava a mudar – eles estavam a introduzir estes melhoramentos por forma a apaziguar os negros, a fim de extinguir o fogo que estava a começar a arder em todo o lado. Eles convidavam estrangeiros para visitar o Colonato e ver por si próprios que não havia discriminação (racial), que os negros e os brancos viviam lado a lado; que os campos eram os mesmos e iguais, e que tanto os negros como os brancos tinham recebido bois: esta propaganda era arquitectada por ele (António Casca da Bastos). Contudo, as coisas não eram assim no início do Colonato, pois só os brancos é que recebiam ajuda, e só foi quando eles prosperaram e o “fogo começou a arder” que eles começaram a recrutar negros para entrarem no Colonato.

Ent: Embora tivessem começado a recrutar negros, alegando que não havia discriminação racial, não havia nenhuma outra forma de discriminação? Eles recrutavam qualquer negro, por exemplo, sem ter em conta o seu nível educacional?

² Conforme se percebeu

Nkuna: Não, não tinha importância nenhuma. Mesmo que uma pessoa fosse analfabeta podia entrar no Colonato. Mesmo que não soubesse escrever podia entrar, porque eles estavam apenas interessados nos **números**, quantos negros foram recrutados.

Ent: Sim.

Nkuna: Mais tardé, alguns preguiçosos foram expulsos. Estas eram pessoas que se integraram no esquema apenas porque estavam interessadas em obter gado, que depois vendiam e gastavam todo o dinheiro a beber, sem pagar as suas contas. Essas pessoas foram expulsas. Mas os outros trabalharam muito bem, de facto.

Ent: Ehe! *Bava Mukavi*, tem alguma coisa a acrescentar ao que foi dito?

Mukavi: Eles (colonos) entraram no Colonato, como o *Ngwenya* explicou, e como o *Nkuna* nos disse. Há uma coisa importante que eu, *Mukavi*, gostaria de acrescentar ao que foi dito. Trata-se de uma questão que está ligada ao Colonato, que faz parte integrante desta história, e é sobre a área da Barragem. Os brancos que trabalhavam na construção da barragem eram muitos – cerca de 500. Nós, os negros, incluindo os nossos chefes aqui presentes, ficámos alarmados porque percebemos que a presença de tantos brancos nesta área significava um grande perigo para nós. Soubemos que iríamos sofrer e que a palmatória estaria na ordem do dia. A chegada daquele administrador cujo nome era...

Nkuna: *Kotamixikito... (?)*

Mukavi: Não, não, ele era chamado *Xijumani... (?)*

Nkuna: Vaz da Silva.

Mukavi: (Sim), Vaz da Silva. A chegada deste homem fez-nos sentir que estávamos cercados, acantonados. Quando viemos dar-lhe as boas vindas na administração, avisei-lhe de que ele tinha chegado a Guijá numa altura crítica. Da Silva garantiu-nos que iria tratar as pessoas com justiça. Contudo, seis meses depois, houve sérios problemas com ele: a barragem tinha que ser construída através de *xibalo*, envolvendo centenas e centenas de trabalhadores do *xibalo*. O trabalho nunca parava – as pessoas trabalhavam dia e noite – 24 horas por dia, quando construíram a Barragem do Limpopo. Nós vimos isto tudo com os nossos próprios olhos.

Nkuna: Gostava de acrescentar algo importante sobre a chegada dos colonos ao Colonato do Limpopo. A sua chegada não nos deixou felizes; magoou-nos muito porque criou sérios problemas para esta área, e eu desejava discutir dois dos mais importantes.

O primeiro problema foi o facto de eles expropriarem as nossas terras, os campos férteis onde produzíamos a nossa comida. Em segundo lugar, eles afastavam-nos da área do Guijá conhecida por *mananga* (deserto), onde havia solos férteis que cultivávamos. Esta área foi transformada em terra de pastagens para o gado dos colonos. Como resultado, foram convocadas grandes reuniões públicas (*mabandla*) para deliberar sobre este problema. As reuniões tiveram lugar na área de dois chefes, na minha, *Nkuna* e na de *Ghajani*, em *Nthavelani*. Estas *mabandla* tinham por objectivo mobilizar os anciãos, os *madoda*^{*}, como o *bava* (Gabriel) Mukavi e (Zacarias) Makukule, a quem mandatámos para ir discutir o problema com o administrador. Pedimos a eles para colocar a questão ao administrador da seguinte maneira:

“[Senhor] Administrador, você tirou-nos das nossas terras e pôs os colonos. Nós então refugiámo-nos na *mananga*, mas depois pôs lá o gado (dos colonos). Pode-nos dizer o que é que vale mais, entre uma vaca e um ser humano? Uma pessoa compra (e possui) um boi, mas não o inverso. Uma pessoa tem mais valor que um boi! Expulsou-nos das nossas terras e agora empurra-nos para fora de *mananga* para deixar lugar para o gado.”

Esta reunião foi realizada na minha casa, em *Hlati*.

O administrador acusou-me posteriormente de agitador, de voltar as pessoas contra a autoridade. Isto era “guerra”; não havia paz na terra. As pessoas começaram a perceber que os brancos estavam aqui realmente para nos oprimir, como foi demonstrado pela expropriação das nossas machambas e confiscação da terra em *mananga*. Apesar de terem dado dois hectares de terra e algum dinheiro (como compensação), as pessoas não ficaram satisfeitas. Eles davam uma pequena quantia em dinheiro, por exemplo 500 ou

^{*} N.T. – *Madoda* – pessoas adultas do sexo masculino chamadas frequentemente como conselheiros, para discutir qualquer assunto importante para a comunidade.

100\$00, com base em critérios ou normas estabelecidos por eles (sem nos consultar). Se uma pessoa se recusasse a aceitar o dinheiro, eles cortavam algumas estacas e construíam uma cabana pouco sólida que seria rapidamente comida (por formigas). Houve muitas injustiças em torno do estabelecimento do Colonato, mas estas são as principais que causaram grande amargura na população, que foi forçada a dispersar.

Ent: Quem tomava conta do gado dos colonos na *mananga*, uma vez que os seus proprietários viviam nas suas casas no Colonato?

Nkuna: Os colonos vinham passar a noite depois do trabalho e os fins de semana na *mananga*. Depois de terem acumulado dinheiro suficiente, começaram a empregar negros para tomar conta do seu gado. Antes disso, eles próprios, juntamente com os seus filhos, tomavam conta do gado. Sim, os seus próprios filhos tomavam conta do gado. Depois da escola, as crianças vinham tomar conta do gado. Mais tarde, empregaram os nossos próprios filhos para o fazer³. Mesmo os adultos negros eram empregados como capatazes nas pastagens de gado. Deste modo, os colonos começaram a dedicar-se à criação de gado.

Ent: *Bava Ngwenya*, tem mais alguma coisa a dizer?

Ngwenya: Não, eu já disse tudo.

Ent: E *bava Makukule*?

Makukule: Não tenho mais nada a dizer.

Ent: *Bava Eliaza Nhlongo*, qual é o seu comentário sobre o que foi dito?

Nhlongo: Não tenho muita coisa para acrescentar sobre o que foi dito. O que eles disseram foi o que aconteceu na nossa terra, nesta área. O sofrimento era grande, e nós pessoalmente passámos por isso – nós que estamos aqui a falar sobre isso agora. Os colonos, com o poder do estado, fizeram grandes estragos nesta área; eles não vieram aqui para brincar. É verdade que quando eles desembarcaram pela primeira vez dos navios, as autoridades não queriam que eles fossem vistos (com roupa esfarrapada). Mas assim

³ N.A.: Em 1977, o autor teve uma conversa na residência de estudantes em Maputo, com um estudante de direito que cresceu como um aluno/pastor em Gaza.

que eles chegaram ao Guijá, ficámos surpreendidos por vê-los a juntar-se a nós para dançar *xingombela* [uma dança vigorosa e altamente sensual executada por homens e mulheres juntos].

Ent: Eles dançavam *xingombela* convosco?

Nhlongo: *Xingombela!* Eles divertiam-se no *xingombela*.

Nkuna: Assim como as crianças.

Nhlongo: Eles dançavam, fazendo com que as pessoas ficassem admiradas com aquele tipo de pessoas [que, embora fossem estrangeiros, executavam as nossas danças daquela maneira]. Mas quando o governo [os funcionários] viram isso, sentiram que os colonos estavam a rebaixar-se. Quando viram os colonos a tocar tambores e a dançar *xingombela* com as suas mulheres, não gostaram e obrigaram-nos a parar. Começaram a ensinar-lhes como comportar-se devidamente.

Ent: Foi o administrador que acabou com isso?

Nhlongo: Foi o administrador e os comerciantes brancos. Os colonos costumavam juntar-se ao ar livre e dançar lá, como quando nós dançamos *ndzumba*. O administrador e outros brancos achavam que este comportamento rebaixava-os como governantes, porque os governados podiam concluir que esta era uma prática no país donde eles vinham. Isto é tudo o que tenho a dizer.

Ent: Vamos agora falar do algodão. Quando é que a produção de algodão começou no Guijá?

Makukule: Eu vou começar. Quando o algodão começou nesta área, nós, os produtores (“machambeiros”), éramos o centro de atenção. Concordámos em participar no cultivo do algodão. Disseram-nos que o algodão que iríamos produzir seria nosso e que receberíamos 1\$20 por (Kg). Nós produzimos durante dois anos, e no terceiro ano, eles puseram polícias e vigilantes, que nos seguiam atrás todos os dias. *Hawu*, estranhámos! Que tipo de trabalho é que estamos a fazer agora, com dois polícias a seguir-nos? Havia um capataz da Companhia (do algodão), e um segundo polícia era o régulo ou o chefe. É assim que eles usavam os chefes.

No terceiro ano, começámos a mostrar descontentamento, mas duma maneira subtil. Eles disseram-nos para não ficarmos descontentes, que nos mantivéssemos calmos. Éramos seis aqui em Hlomani que

tínhamos começado a produzir algodão. Eles então ofereceram-se para aumentar o preço de 1\$20 para 1\$30. Também prometeram fornecer-nos enxadas, meios para fazer a sacha e dinheiro para nos ajudar nas colheitas, mas não vimos estas coisas. O que eles me deram a mim foi um saco de feijão e um saco de milho, e isso foi com intenção de me calar. Nós reclamámos, e eles aumentaram o preço do algodão para 1\$50 por Kg. Quando as autoridades se deram conta de que a produção de algodão era boa, decidiram fazer pressão sobre os chefes, dizendo: “Envolvam o resto da população no cultivo do algodão porque o actual número de produtores é demasiado pequeno; a extensão que está a ser cultivada é insuficiente”. Eles então fizeram um recenseamento e fomos todos contados e registados. A produção de algodão cresceu muito nesta área.

Então vimos o verdadeiro sofrimento: havia permanentemente um polícia e um capataz que nos seguiam sempre. Os polícias do régulo também acompanhavam o capataz para verificar tudo. Se vissem que o lugar (trabalho) não era satisfatório, a pessoa era chamada para ir estender a sua mão à palmatória, para que no futuro soubesse obedecer às instruções. Toda a região estava agora envolvida no cultivo de algodão – todos, homens e mulheres. Se alguém fugisse de manhã cedo para ir tratar do milho ou voltasse para casa à hora do almoço, o capataz podia aparecer e mandá-lo de volta para a machamba de algodão, e nós obedecíamos. Alguns eram chicoteados pelo capataz, e mesmo os chefes receberam castigos corporais, com palmatória, por não conseguirem garantir que o algodão fosse tratado de modo que o capataz do algodão considerasse satisfatório. O régulo Nkuna aqui teve sorte porque nunca apanhou palmatória; eles tinham-lhe algum respeito. O meu próprio régulo (Hlmani) foi também poupado. Contudo, muitos outros régulos levaram com palmatória.

O algodão causou um grande sofrimento. Era, de facto, *xibalo*. Era trabalho forçado que não discriminava homens, mulheres e crianças. Afectou toda a gente de igual modo. E vou parar por aqui mas, se eu soubesse que vínhamos aqui para falar da produção do algodão, teria trazido uma caderneta que apanhei na administração, onde li tudo o que eles disseram acerca da produção do algodão. Depois de

ler o caderno, vim ter com o Hlomani, o meu régulo, e disse: “Hlomani, meu chefe, não quero mais participar na produção do algodão!” O régulo respondeu: “*Bava*, eles vão matar-te com a palmatória” (se parasse de cultivar). Eu disse que acontecesse o que acontecesse, não queria ouvir nada sobre o algodão, porque detestava-o. Colhi o meu algodão em 1944 e enviei-o. Já não queria mais lidar com ele porque o trabalho que estávamos a fazer era *xibalo*.

Ent: Parou de produzir algodão em 1944, e o que é que lhe aconteceu depois disso?

Makukule: Eles chamaram-me para me castigar, mas eu recusei.

Ent: Deixaram-no em paz?

Makukule: Eles deixaram-me em paz e nunca mais voltei a cultivar algodão.

Ent: Qual era o tamanho da sua machamba quando cultivava algodão?

Makukule: Deram-me uma área de 150m x 150m.

Ent: E as suas mulheres?

Makukule: Eu tinha apenas uma mulher na altura, e tínhamos quatro crianças jovens.

Ent: A sua mulher tinha uma machamba separada de algodão?

Makukule: Trabalhávamos juntos na mesma machamba.

Ent: Então vocês trabalhavam juntos na mesma machamba.

Makukule: Sim, e também com as crianças.

Ent: Quando é que foi introduzida a produção do algodão no Guijá?

Makukule: Foi introduzida no Guijá em, —eh—

Nkuna: Em 1937.

Makukule: 1937, sim, 1937. Foi em 1937-38 que iniciou o algodão, pelo qual recebíamos 1\$20 por Kg. Em 1950, estava então a ser cultivado em toda esta área (por todas as famílias), e nessa altura pagavam-nos *zukwa* (sixpence).

Ent: Abner Ngwenya, tem alguma a acrescentar, da sua experiência pessoal, ao que Makulue disse?

Ngwenya: Estive envolvido no cultivo do algodão. Comecei a vender algodão em 1939. Mas não era eu que produzia, era a minha mulher. Eu era um trabalhador emigrante mas estava registado como

machambeiro porque, se alguém possuísse uma charrua e dois bois era chamado machambeiro, e por consequência era-lhe atribuído um hectare. Uma vez que eu tinha uma charrua, deram-me uma machamba de um hectare. Como trabalhador emigrante, eu produzia algodão quando estivesse em casa, e na minha ausência, era a minha mulher e a minha mãe que usavam os bois para trabalhar. Eu produzi algodão até à altura em que já não pude ir mais para as minas porque fui apanhado e enviado para a tropa portuguesa. Isso foi em 1947. Quando voltei, em 1951, a produção de algodão ainda continuava. Houve uma colheita abundante em 1953. Havia tanto algodão que, embora se tivesse utilizado camiões para levar o algodão para a fábrica de descaroçamento, uma grande quantidade acabou por se estragar.

A seguir à minha desmobilização da tropa, envolvi-me pessoalmente na produção de algodão a tempo inteiro. A partir dessa altura nunca mais trabalhei para os portugueses (para um patrão) até hoje. Sim, produzíamos algodão. O algodão, (e repito) o algodão é uma cultura difícil! É uma cultura difícil em si, e nós tivemos muita dificuldade em lidar com ela, e era muito difícil porque os capatazes batiam nos agricultores. Os gestores do algodão brancos e o capataz eram mais temidos que o comissário nativo. O régulo não era temido mas o capataz era, porque se viesse para a machamba de alguém e visse que esta estava “suja”, podia bater-lhe, podia até mandar a mulher parar de pilar o milho na hora do almoço e mandá-la para a machamba de algodão para sachar.

Sim, experimentei a produção de algodão desde 1953. Este era o tempo em que o administrador (de alcunha) *Xikatlula* (o que chicoteava até arrancar a pele) foi substituído por outro (cuja alcunha era) *Xijumani* (o que atacava sorrateiramente). Após a chegada de *Xijumani*, o cultivo de algodão sofreu uma grande mudança para pior. Os capatazes tornaram-se mais perversos. O branco encarregado do algodão, Monteiro de Barros, e o seu capataz, que estavam fixados na nossa área de Hlomani, tornaram-se extremamente maus. Se ordenassem que até uma certa data todos os caules de algodão (após a colheita) deviam estar limpos e queimados, a ordem tinha que ser cumprida. Se alguém falhasse, eles forçavam-na a carregar todos os

caules para ir despejá-los no Mumithi (Limpopo), se a sua machamba estivesse próxima do Limpopo. É essa a razão por que o cultivo do algodão era penoso.

O tempo passou, e estávamos agora em 1958. Eu estava um dia a descansar em casa quando recebi uma nota a dizer que tinha que ir à casa do Mukavi. Não tinha ideia porque é que estava a ser chamado, mas fui à casa do Gabriel Mukavi. Quando lá cheguei encontrei o Zacarias Makukule juntamente com o filho do seu irmão mais velho, o Ezequiel Makukule – num total de três *madodas* (anciãos) presentes. Eles disseram-me que “nós convidámo-lo para aqui porque a terra está a arder por causa da cultura obrigatória do algodão. O que é que pensa?” A minha resposta foi que eu era da mesma opinião. Eles então disseram: “bem, convidámo-lo para aqui porque percebemos que você agora é um homem maduro, tornou-se homem, por conseguinte, decidimos convidá-lo aqui para discutirmos os problemas sérios colocados pela cultura obrigatória do algodão”. Eu disse-lhes que estava pronto e que podíamos seguir em frente. Então disseram-me que tinham decidido fazer reuniões, e que estas seriam efectuadas à noite. Os outros anciãos seriam, e de facto foram, depois convidados para participar nestas reuniões. Estas reuniões eram realizadas à noite porque eram secretas, e nem o régulo nem os chefes foram informados sobre a sua realização. Nestas reuniões nós deliberávamos sobre o que devia ser feito sobre a cultura obrigatória do algodão, e finalmente decidimos que devíamos abordar o administrador. Contudo, pensámos que antes de abordar o administrador, os anciãos deviam ter uma reunião (preparatória). Os anciãos de Massingir, Mabalane, Manzimhlope, etc. deviam encontrar-se por forma a irmos como um grupo unido. Nós realizávamos estas reuniões em casa do Gabriel Mukavi ou em casa do Zacarias Makukule, o tal que tinha a alcunha de *Ximbhinyani* (pequeno cabo de enxada). O outro lugar alternativo de reunião era em “casa do Leão”, em casa do falecido Pedro Tivane.

Agora, como é que isso ia ser feito? Eles disseram que devíamos seleccionar alguns “embaixadores”, que deviam contactar os chefes e discutir com eles os problemas (sobre cultura forçada do algodão). Eles escolheram-me a mim e ao falecido Pedro Tivane. Instruíram-

me dizendo: “Vai ter com o régulo Xitlolo, mas passa pela casa de Xikweni Novela”, e foram Gabriel Makavi e *Ximbhinyani* que disseram isso. Eles disseram: “vai e fala sobre o problema da cultura forçada do algodão. Pergunta-lhes se eles estão felizes com isso, se se sentem bem, e se têm consciência do facto de que nós já lançámos a luta aqui em Hlomani”. De facto nós fizemos mesmo isso. Conduzimos as nossas bicicletas e chegámos à casa, onde convidámos o *ndhonga* (família) e explicámos-lhes a questão.

A reacção foi: “O quê, quem teria pensado que vocês, de Hlomani, estavam conscientes (ou preocupados) com este problema!” (Eles disseram): “...na semana passada um polícia da administração defecou (a céu aberto) e depois pegou numa parte das suas fezes com o seu pau e besuntou a cara de uma pessoa, dizendo depois a essa pessoa “você cheira mal, você é inútil como esta merda!”.

Nós exclamámos: “*Hawu*, aconteceu mesmo uma coisa dessas?”, e eles responderam que de facto isso tinha ocorrido. Convidámo-los então a ir a uma reunião em Hlomani num certo dia. Eles deviam vir à noite e não durante o dia.

Quando voltámos para reportar o resultado da nossa missão, eles (os anciãos) disseram, “Hei rapaz, você agora deve ir ao régulo Ghajani Mapeceye⁴.” Quando lhes perguntei quem me ia acompanhar, disseram-me que era Samson Nhlongo. Instruíram-nos para irmos pela casa de Zankewu Mahlayeye⁵, que devia acompanhar-nos para Mapeceye, uma vez que ele era um homem bem conhecido dos nossos anciãos. Eu, que estou agora a falar consigo, levei essas mensagens a mando destes anciãos. Depois de explicar o assunto ao Mahlayeye, ele acompanhou-nos ao régulo, onde explicámos que se tinha tomado uma decisão (pelos anciãos de Hlomani), de levar a queixa ao administrador. Pedimos-lhe que ele escolhesse dois anciãos seus, em segredo, que se juntariam à dele-

⁴ Talvez significa “regulo Ghajani do outro lado do rio” [*mpeceya*=*outro lado do rio*]. Ghajani já foi referido acima.

⁵ Na transcrição portuguesa Zaquau Maxaieie. Vários membros da linhagem Maxaieie de Lionde e Chòkwé, que eram machambeiros, engajaram-se ao lado dos nacionalistas na UDENAMO e FRELIMO.

gação que ia à administração. O régulo seleccionou Samuel Nhlana e Zankewu Mahlayeye.

Quando todos foram contactados, incluindo o régulo Maxele (Machele), onde homens corajosos e fortes como o Isaka Mundhini, Dias Ngomani, Ribeiro Kubayi e Elija Mthombeni viviam, todos os anciãos foram convidados para uma reunião em casa do *Ximbhinyani*. A questão foi levantada: “O que é que faremos?” A resposta era que devia ser enviada um delegação para ir dizer ao administrador que a população queria ter uma reunião com ele.

Eles escolheram-me a mim, Abner Ngwenya; escolheram o João Mahlanza Xiviti; escolheram o Isaka Mundhini, e escolheram o Dias Ngomani – éramos quatro os *madodas* que foram escolhidos. Então fomos ter com o administrador e confrontámo-lo. Dissemos ao intérprete que desejávamos ver o chefe, o administrador. Quando o pedido lhe foi comunicado, a resposta foi um (desdenhoso) “quem são eles?” Quando lhe disseram que alguns *madodas* queriam falar com ele, ele saiu do seu gabinete, ficou na varanda sem nos convidar a entrar. Ele olhou para nós como pessoas insignificantes. Manteve-se de pé, com as mãos nos quadris e disse, (vamos), “falem, falem!” Nós dissemos que vínhamos dizer-lhe que a população, através dos anciãos, desejava falar com ele. Pedimos ao intérprete para transmitir essa mensagem ao administrador, e ele fê-lo em português. O administrador ficou silencioso por algum tempo e depois disse: “Um dia um lobo apanhou um cordeiro a beber água no rio, e disse para o cordeiro, ‘Ah, és tu que costumás sujar estas águas de lama, eh!’ o cordeiro respondeu: ‘Não, não sou eu. Esta é a primeira vez que bebo aqui’. O lobo respondeu: ‘Mesmo que não sejas tu, o teu pai e o teu avô fizeram-no. Por isso, serás comido hoje’”.

O administrador continuou, dizendo que nunca nos daria um dia para um encontro marcado, em que nós, os *madoda*, pudéssemos falar com ele. Ele disse que, talvez no futuro ele nos pudesse convidar para uma conversa, se e no caso de a administração se dividir em novos gabinetes, que funcionariam do nosso lado do rio. “*Fambani!*” (vão-se embora), ele mandou-nos embora sem cerimónias.

Nós voltámos e reportámos isto aos anciãos, e a sua reacção foi de que tínhamos que ir em massa cercar o edifício da administração.

Isto era *Mfuxe-Mfuxe*. “Vamos ‘*mfluxela*’ a administração e encher todo o sítio” – ordenaram. Nós fomos e ‘agitámos’ (*dhumela xikanekisso*)* o edifício da administração. Quando o administrador viu que o lugar estava invadido por uma multidão, chamou o nome de Gabriel Mukavi (para avançar como um “porta voz”). Quando ele gritou “Gabriel, Gabriel!” todos nós avançámos para a varanda e perguntámos-lhe o que é que ele queria fazer com o Gabriel. “Nós estamos aqui para discutir o problema do algodão; dê-nos uma data em que possamos discutir este problema consigo”, pedimos. “Dispersem; vão-se embora, não tenciono falar convosco”, ordenou! Todos nós dispersámos, mas fomos reunir-nos na cidade⁶ (Chókwè), no quintal de uma família indiana. Poucos dias depois ouvimos, através dos chefes, que o administrador estava agora pronto a encontrar-se connosco. Antes de irmos à reunião, realizámos primeiro um encontro de planificação da nossa própria estratégia. Nesse dia reunimo-nos com dois régulos, Machele e Hlomani, em casa do Muhondo, onde lhes informámos sobre a situação. A sua reacção foi “vão em frente, não retrocedam; estamos convosco!” Sim, a pergunta que colocávamos a nós mesmos era o que é que iríamos fazer (agora que o administrador concordou em falar connosco). A resposta era que tinha que ser escolhida uma pessoa como porta-voz para apresentar o nosso caso ao administrador. Eu, Abner Ngwenya, fui escolhido para essa tarefa. Contudo, parecia que a nossa estratégia tinha sido prevista porque, quando chegámos à reunião, o administrador decidiu que cada régulo devia escolher um homem para falar em seu nome. Isto era claramente um plano para nos intimidar. Ele esperava que um homem escolhido desta maneira para falar, não sendo membro da nossa organização secreta, poderia fazer declarações que haviam de entrar em contradição com todas as nossas razões de queixa.

Todos os chefes e régulos estavam presentes e sentados juntos. Havia um escriturário que ia registando tudo o que se dizia com uma máquina

* N.T.- Vamos visitar a administração.

** N.T.- Agitar a administração.

⁶ N.E.: Provavelmente era vila na altura.

de escrever, e polícias bem uniformizados, com as suas armas bem polidas, de pé e atentos. A primeira pessoa que foi chamada para falar representava o régulo Mbeki. Mas o que é que ele podia dizer quando o espírito da nossa organização já tinha tocado muitas pessoas? Ele criticou a cultura obrigatória do algodão. A seguir foi o representante do régulo Machele. Bem, este era um ancião sensato, Isaka Mundhindi, e criticou também a cultura obrigatória do algodão. Como eu já tinha sido escolhido para representar o régulo Hlomani, levantei-me e também critiquei a cultura obrigatória do algodão. O Mukavi, que foi escolhido na nossa reunião preparatória para falar sobre o *xibalo*, levantou-se e falou sobre isso.

Ao falar sobre a cultura obrigatória do algodão, declarei que, embora o algodão fosse nosso, não tirávamos nenhum benefício dele; que éramos enganados durante a sua pesagem, e ainda por cima batiam-nos quando estávamos na machamba. Face a este tratamento, quem era afinal, o dono deste algodão, perguntei. A máquina estava a registar tudo à media que falávamos.

Perguntaram-nos então quanto é que queríamos pelo algodão, e nós dissemos dois xelins; queríamos dois xelins por Kg. O preço do nosso algodão foi então aumentado para 3\$80 por Kg. Recebemos este dinheiro como resultado da luta! A partir desse dia, nunca mais apanhámos palmatória. Quando íamos vender a colheita produzida durante a luta, o branco encarregue da pesagem insistia para que verificássemos a balança enquanto ele pesava cada saco de algodão. Sim, vimos a miséria que a cultura obrigatória do algodão trouxe a esta terra de Hlomani (onde se realizou a entrevista). Fizemos uma greve a que chamámos *Mfuxe Mfuxe*, e enfrentámos o administrador. Durante este tempo, os distritos da Macia (Bilene-Macia), Chibuto e Magude estavam a observar e estavam com os ouvidos bem abertos. Eles nunca apanharam palmatória porque Guijá trabalhou (lutou contra a cultura obrigatória do algodão).

Ent: Vocês deram a este administrador o nome de *Xijumani*: porque é que lhe deram esse nome?

Ngwenya: Ele veio de Bilene Macia com esse nome; não foi dado aqui em Guijá.

Ent: O seu verdadeiro nome era Vaz da Silva?

Makukule: Adriano Vaz da Silva.

Ent: Gostaria de saber dos anciãos quem enviou a carta para o Ngwenya – porque vocês chegaram à conclusão de que ele era, então, um “homem ideal” – quais foram as qualidades que vocês viram nele?

Makukule: Nós conhecemos este *ndoda* (ancião) na nossa igreja. Nós fazíamos um estudo cuidadoso da personalidade e carácter de qualquer pessoa que se associasse à nossa igreja. Ficámos a conhecer a sua força. Conhecêmo-lo ainda jovem, e ele tornou-se homem diante dos nossos olhos: podiam ser-lhe confiados assuntos confidenciais; é isto o que vimos nele.

Ent: Mukavi, foi você que escreveu a carta para ele, tem alguma coisa a acrescentar ao que disse o Makukule?

Mukavi: Sim.

Ent: À noite.

Mukavi: Ha, ha, haa!

Makukule: De facto, a luta foi conduzida à noite!

Mukavi: É verdade o que o Makukule disse (sobre as qualidades do Ngwenya). Quanto a mim, posso dizer que este homem cresceu debaixo dos meus próprios olhos – eu conheci-o quando ele ainda gatinhava. Observei-o a partir da altura em que eles (rapazes) dançavam *swichacha* e quando apascentavam bois. Nós conhecêmo-lo na igreja onde ele realizava, de bom grado, qualquer tarefa que lhe pedíssemos. A sua intervenção nas discussões realizadas pelos anciãos mostrou um sentido de maturidade da sua parte. Concluímos, a partir destas observações, que este jovem devia ser integrado, dado que seria precioso para nós, e ele provou que tínhamos razão. Usámo-lo como mensageiro para ir de um lado para outro (e nunca falhou).

Ent: E você, *bava* Nkuna, o que é que nos pode dizer acerca da cultura forçada do algodão?

Nkuna: Vou acrescentar algumas coisas que não foram referidas. Vou falar sobre o tempo em que o país (povo) decidiu revelar a opressão do regime colonial – quando, depois da colheita, as pessoas foram forçadas a queimar os caules do algodão estando ainda verdes: éramos obrigados a cortar os caules e queimá-los quando ainda estavam verdes! Alguns *ndunas* de certas áreas decidiram organizar uma petição em que expunham o facto de, aqui no Guijá, as pessoas

serem forçadas a queimar os caules quando ainda estavam verdes. Como estes não se queimavam (facilmente), éramos chicoteados pelos polícias. O administrador, Adriano da Silva, enviava a polícia para nos vir bater. Estes *ndunas* vieram e falaram comigo confidencialmente sobre esta petição. Tinham sido enviados por outros chefes que queriam que eu soubesse o que se estava a passar, e pediram-me que incluísse o meu nome na petição: “Como você está a colaborar connosco, viemos para que você e os seus *madodas* (anciãos/conselheiros) assinem a petição”, disseram eles. Eles informaram-me que tinham já estado no (chefe) Malawu em Manzimhlope, e agora vinham ter comigo. Eles queriam saber o que eu pensava sobre aquele assunto da petição – será que eu e os meus anciãos podíamos assiná-la?

Para mim era óbvio que a petição era sobre a realidade da nossa experiência diária sob o regime colonial: a pancada e o sofrimento. (Contudo) eu pessoalmente nunca apanhei; (por alguma razão) eles, os polícias tinham algum respeito por mim – mostravam algum respeito. Mas muitos outros chefes, alguns mais importantes do que eu, foram chicoteados. (Por exemplo) Mbhika foi chicoteado; o Mbhika foi chicoteado. Ele foi chicoteado abertamente na machamba de algodão – foi chicoteado na machamba. Mbhika era um chefe sénior, um homem de posição, (mas) foi chicoteado na machamba de algodão à frente de mulheres!

Por isso, quando eles me trouxeram esta petição, reuni os meus anciãos (conselheiros). Mandei chamar Dias Ngomani, mandei chamar Isaka Mundhindi, mandei chamar Elija Mthombeni e Ribeiro, Kubaye. Na minha casa em Mazimhlope estavam Thelighadi, Ubisse e Titossi. Lázaro assinou o documento, a petição, confirmando que tínhamos compreendido e estávamos de acordo com as reclamações contra o administrador.

A preparação desta petição mostrou-nos que esta terra (isto é, o povo) tinha mais poder do que nós; os chefes. Fizeram-na, uma vez que nós éramos meros empregados (domésticos) do administrador. Como resultado desta petição, houve um abrandamento nas exigências da cultura do algodão. O administrador recebeu um aviso para ter cuidado com a forma como lidava com as pessoas em relação

às exigências da cultura do algodão. Com uma longa lista de assinaturas, o administrador compreendeu a mensagem: a cultura obrigatória do algodão tinha perdido a sua força. A partir dali, apenas os que desejavam produzir algodão continuaram a fazê-lo, pois os que não queriam deixaram de fazer esta cultura.

O governo está hoje a apelar à população para recomeçar a cultivar algodão, mas a resposta é negativa porque as pessoas ainda se lembram da história da cultura do algodão; ele lembram-se do sofrimento e não desejam começar de novo a produzir algodão. Isto é especialmente verdade em relação às comunidades do Vale do Limpopo, onde a exploração foi maior. As pessoas ainda têm medo, apesar de o algodão hoje ter muito dinheiro. Eles dizem que é impossível um leão tornar-se leopardo, e dizem que uma mamba será sempre uma mamba! Apesar de hoje haver muito dinheiro no algodão. As pessoas têm receio de se envolver, pois “gato escaldado até de água fria tem medo!” A cultura obrigatória do algodão causou um grande sofrimento nesta terra. Não houve mais nada que tivesse causado mais sofrimento aos homens e mulheres do que a cultura obrigatória do algodão. Assim, as [últimas] palavras de Ngungunhana⁷, quando ele disse [em zulu] “*Miya kusebenza ne bafazi beno!*” consumaram-se.

Makukule: [Isto significa que] vão vos fazer trabalhar duramente junto com as vossas mulheres! (uma vez que os portugueses levaram Ngungunhana).

Nkuna: (Sim) vão fazer-vos trabalhar duramente junto com as vossas mulheres. De facto, verificou-se que os homens e as mulheres tinham de cultivar algodão sob ameaça nesta terra. É isto que eu queria acrescentar ao que foi dito, e realçar que foram os conselheiros e os anciãos de Guijá que conseguiram organizar e canalizar as energias da população para fazerem um bom trabalho (de desafiar a opressão colonial).

⁷ Segundo a tradição as últimas palavras de Ngungunyanani em Gaza, quando preso e embarcado no vapor em fins de 1895. Teria dito: Não-de trabalhar com as vossas mulheres.

Ent: Obrigado, *Kanimambo!* E agora, *bava Nxumayo:* você era um dos jovens que levava as mensagens junto com *bava Ngwenya.* Você levava as mensagens para todo o lado, convidando as pessoas para participarem em reuniões (secretas) sobre cultura obrigatória de algodão. De que é que se lembra a respeito destas actividades?

Nxumayo: Não tenho nada a acrescentar ao que foi dito. O que os anciãos afirmaram é precisamente o que vimos com os nossos próprios olhos e ouvimos com os nossos próprios ouvidos.

Ent: Obrigado. E você, *Kokwani** Nhlongo, qual é a sua opinião sobre o que nos contaram acerca da cultura obrigatória do algodão – tem alguma coisa a acrescentar a isso?

Nhlongo: Só posso confirmar que o que foi dito é a verdade: todos nós passámos por um grande sofrimento durante a cultura obrigatória do algodão. Mesmo quando hoje nos dizem que podíamos ganhar muito dinheiro cultivando algodão, nós só nos lembramos desse sofrimento. As pessoas ainda têm medo dessa experiência.

Ent: Essa experiência ainda provoca medo às pessoas?

Nhlongo: O quê! (Sim), têm medo de que as mesmas experiências voltem de novo – quando um supervisor (de algodão) aparecia subitamente numa altura em que uma pessoa estava a comer e levava-a como um boi, para a machamba de algodão. Sim, o que foi relatado aqui é verdade, e não há mais nada a acrescentar ao que foi dito.

Ent: O ano de 1958 é muito importante na memória do povo do Guijá. Há outros anos que provocam recordações tão fortes para o povo aqui?

Mukavi: Há períodos desses aqui no Guijá; o sistema de *xi-Padre* que foi introduzido aqui nunca será esquecido, porque foi um dos acontecimentos (históricos) que despertaram o povo. Isso foi quando as escolas foram transferidas do governo para a autoridade dos padres. Depois disso, os padres abriram grandes machambas, em que produziam algodão para venda. As nossas crianças eram postas a trabalhar para produzir algodão.

Entre os que perderam a sua terra encontrava-se Zacarias Makukule

* N.T. - Kokwani – avô.

(*Ximbhinyani*). Ele foi a primeira pessoa a perceber o que os padres queriam e fez soar o alarme, e começou a luta – tudo sozinho. Viajou para Maputo (então Lourenço Marques) à procura de ajuda. Lá, encontrou o Daniel Tivane, que o apresentou a um advogado. Ele contou ao advogado o que estava a acontecer em Gaza (entre outras coisas), que os padres estavam agora a envolver-se na agricultura quando deviam concentrar-se no ensino.

(No seu regresso de Lourenço Marques) *Ximbhinyani* foi convocado para o gabinete do administrador para ser interrogado. Todos os anciãos foram com ele. O administrador disse que *Ximbhinyane* devia apanhar palmatória, mas ele recusou submeter-se ao castigo corporal. Por causa da presença de todos os anciãos, o administrador mudou de ideias e ordenou que *Ximbhinyani* fosse metido na cadeia. Todos nós seguimo-lo (fazendo um protesto silencioso) e sentámo-nos no portão da prisão.

Ent: Em que ano foi isso?

Mukavi: Foi... lembra-se do ano, *Ximbhinyani*?

Ximbhinyani: 48.

Mukavi: 48; sim. Fomos todos nós e sentámo-nos na prisão. O administrador... (não), o substituto, o secretário – um homem barrigudo – como é que ele se chamava?

Nkuna: *Manikiniki* (barriga que treme).

Makukule: Mosca Rosa.

Mukavi: Mosca Rosa! Ele mandou-nos dispersar da prisão. Dispersámos depois de uma tentativa de salvar o nosso jovem que estava em problemas sérios. Este foi o início de (importantes) eventos no Guijá.

Os padres não simpatizavam connosco, os anciãos de Guijá. (Mas, com encorajamento) dos dois chefes, Hlomani e Machele (*Nkuna*), começámos uma “revolução” aqui em Hlomani: nós retirámos as enxadas aos nossos filhos. Realizámos encontros, e este “rapaz” (*Ngwenya*) estava presente (quando) convencemos o chefe Hlomani (da necessidade de resistir). O outro chefe, *Nxumayo*, aqui, em cuja casa as importantes actividades revolucionárias eram planeadas secretamente, estava já envolvido. Decidimos manter as enxadas e o governo veio perguntar-nos sobre isso. As nossas crianças deixaram

de levar enxadas para as machambas de algodão dos padres, e assim o algodão não podia ser cultivado. Como consequência, os padres começaram a comprar as suas próprias enxadas para permitir que a cultura de algodão continuasse. Isto foi em 1948, um ano muito difícil. Foi nesse ano, e Machele (Nkuna) pode confirmar isso, que o Governo do Sul do Save foi estabelecido.

Ngwenya: Eu não estava cá...

Mukavi: Este “rapaz” estava na África do Sul.

Ngwenya: Eu estava na Índia.

Mukavi: Você estava na Índia em 1948 – quando o Governo do Sul do Save foi estabelecido (no dia em que fomos dar as boas vindas ao Governador do Sul do Save)...

Levantei-me para falar, sem consultar previamente os anciãos, contra a cultura de algodão no Guijá.

Não os consultei antes de falar porque pensei que podiam desencorajar-me de fazer isso. Eu disse ao governador que nós estávamos a enfrentar problemas nesta terra relacionados com o cultivo do algodão. Isto foi em 1948. O preço do algodão era de 1\$50 (por Kg). O cultivo do algodão estava a causar muito sofrimento – e não dava dinheiro. Apresentei estas reclamações sem me aperceber de que estava num terreno perigoso, porque o Secretário, que tinha substituído... (como é que ele se chamava?)

Nkuna: João Domingos.

Mukavi: (Sim) João Domingos.

Makukule: mmm! (Domingos costumava arreganhar os dentes).

Mukavi: (Depois da reunião) eles vieram e levaram-me [de volta para a administração]. Pensei, e agora, o que é que eu fiz? [Arrependi-me] de ter reclamado perante o Governador sem consultar previamente os chefes. O administrador queria saber porque é que eu tinha falado directamente com o Governador sem antes o consultar. A minha resposta foi que eu não via necessidade disso porque ele, o administrador, não teria tomado nenhuma atitude em relação às nossas razões de queixa. Eu falei com o Governador porque tinha confiança de que ele levaria as nossas queixas para Lourenço Marques. Fui ameaçado de prisão, mas disse ao administrador que estava preparado para ir para a cadeia.

(Felizmente para mim) aconteceu o Doutor Sousa Santos⁸ estar a passar quando a ameaça foi proferida e decidiu agir como meu advogado. Ele interveio: “...Este rapaz não teve culpa nenhuma porque estava a esclarecer o que ele sabia... Vocês deviam apreciar quando a população [abertamente/honestamente] vos informa sobre as suas queixas”. Sousa Santos defendeu-me, e este foi o início de uma relação estreita entre o Dr. Santos e nós. Estas pessoas aqui ficaram surpreendidas quando saí do gabinete do administrador como um homem livre. Eles ficaram admirados sem saber como é que eu tinha conseguido evitar ser preso. Nada me aconteceu porque Deus estava connosco. Eventos mais importantes, que vamos relatar, iam ainda acontecer.

Ent: Bava Nkuna, quer acrescentar alguma coisa ao que acabámos de ouvir?

Nkuna: Gostaria de acrescentar qualquer coisa, mas não muito. Eu estava presente na cerimónia de recepção do Governador do Sul do Save. Testemunhei isto que Mukavi acaba de contar. O Secretário Ghadhuka estava muito aborrecido [com a intervenção do Mukavi]. Ele tinha alcinha de Ghadhuka por causa da forma como andava – assim! (imitando). Ele era um homem cruel – batia nas pessoas (à mais pequena provocação), e por isso o que o Mukavi disse enfureceu-o. Mas havia uma boa razão para o Mukavi ter falado: as pessoas tinham sido convidadas a avançar e dizer os problemas que tivessem. A reclamação do Mukavi era apenas uma das tantas que foram apresentadas (nesse dia), mas o problema é que os (funcionários) portugueses locais não queriam que a população fizesse ouvir as suas razões de queixa em público, e por isso o secretário tentou intimidar o Mukavi. O Dr. Sousa Santos era diferente dos outros portugueses – e ele estava preparado para lutar pela causa dos negros. Foi por isso que ele tentou falar com Ghadhuka, o *encarregado*, para lhe fazer compreender o quão importante era permitir que a população apresentasse as suas razões de queixa. Eu apoio o que o Mukavi nos disse porque vi com os

⁸ Possivelmente um veterinário com simpatias pelos africanos e não o inspector administrativo Sousa Santos, que também esteve na área depois do estabelecimento do Colonato do Limpopo..

meus próprios olhos e ouvi com os meus próprios ouvidos o que aconteceu.

Ent: Gandhuka era a mesma pessoa que João Domingos?

Nkuna: [Sim], João Domingos. Demos-lhe essa alcunha por causa da forma como ele andava.

Ent: Obrigado.

Agora voltamos para si *bava* Ximbhinyane. Pode explicar a sua visita clandestina a Lourenço Marques, quando encontrou o Daniel Tivane, que subseqüentemente o apresentou a um advogado. O que é que aconteceu então?

Makukule (Ximbhinyane): Saí da prisão onde tinha sido encarcerado depois de uma luta com os padres que tinham levado as minhas terras. Eles tinham apresentado uma queixa contra mim ao administrador. Quando cheguei à administração acusaram-me de ter faltado respeito ao governo. A minha resposta foi que a acusação era falsa e que, pelo contrário, eu continuava leal e com respeito pelo governo. Disseram que eu estava a mentir e ordenaram que me dessem palmatória como punição. Recusei submeter-me a esta ordem, mas quando ameaçaram prender-me, mudei de ideias e submeti-me ao castigo corporal. Eles começaram a dar-me palmatoadas, mas ao terceiro golpe retirei a minha mão e disse-lhes que era suficiente e não estava preparado para levar mais.

Eles pararam mas ordenaram que eu fosse encarcerado por quinze dias “...manda para o calabouço – 15 dias...”! Antes de eu deixar a administração eu disse ao Secretário: “...olhe, senhor Secretário, você e eu vamos falar quando eu sair da prisão dentro de 15 dias. Você puniu-me sem que eu tivesse culpa alguma. O padre que apresentou queixa contra mim veio aqui como professor, mas em vez disso envolveu-se em actividades agrícolas. Ele não ensina, mas cultiva a terra com as nossas crianças [mão-de-obra barata]”. Fui para a prisão mas só fiquei lá – e vou dizer isto em inglês – apenas 15 minutos.

Ente: Ha, ha, ha!

Makukule: Depois de 15 minutos o Dr. [o trabalhador de saúde foi informado da minha prisão] veio ver-me. Nesta altura, os anciãos que se tinham juntado na prisão para protestar tinham já dispersado.

Quando o médico perguntou ao administrador porque é que eu tinha sido preso, ele disse que tinha feito isso só para me assustar. Fui imediatamente liberto da prisão, mas eu disse que não havia de sair enquanto não me dessem uma carta de soltura. Aí começou uma nova guerra, mas eu persisti até que a carta fosse emitida.

Foi a partir daqui que fui para Lourenço Marques. Os meus protestos finalmente chegaram às autoridades apropriadas e foi instruído um inquérito aqui no Guijá.

Os chefes aqui tornaram-se testemunhas. Apresentaram provas aos investigadores, [por exemplo] sobre outras pessoas que tinham apresentado queixas e tinham sido [coercivamente] removidas do Guijá para outras áreas como Malehice, Magude, etc. Foi confirmado aos investigadores que algumas pessoas tinham perdido as suas terras a favor dos padres, e a terra foi subsequentemente devolvida aos seus proprietários legítimos. Como vê, o inquérito foi ordenado a partir da capital. As cópias da documentação [sobre o inquérito] foram postas ao abrigo do gabinete do Governador Geral. Foi isso que aconteceu.

Ent: Como é que se chamava o advogado?

Makukule: Não, não me lembro do nome dele.

Ent: Não se lembra do nome dele?

Makukule: Eu havia de me lembrar se visse de novo a documentação.

Ent: Vou visitá-lo em casa – na minha próxima viagem a Guijá – para vermos a documentação que tem na sua posse.

Makukule: Vou procurar e ver se encontro.

Ent: Porque esta é uma questão muito importante.

Makukule: Tenho a certeza de que ainda tenho os documentos sobre o movimento *Mfuxe*-

Mfuxe - sim, esses documento ainda estão comigo.

Ent: A outra pergunta que eu lhe quero fazer é esta: Quando você e os outros anciãos se envolveram nestas lutas, trabalhavam sozinhos ou a população também estava envolvida?

Ngwenya: A população estava connosco. Os anciãos faziam as reuniões em segredo, à noite. Mas cada membro do *Mfuxe-Mfuxe* “mobilizava” a população clandestinamente durante o dia, para a luta. Toda a terra [Guijá] concordava connosco.

Ent: Mm!

Ngwenya: Toda gente na comunidade sabia o que estava a acontecer. Sempre que encontrávamos alguém no caminho, os sinais positivos eram notórios – eles diziam “*Ayiye mahlweni...*” (vamos em frente, com a luta), por isso chegámos à conclusão de que a população estava connosco. No dia em que se realizou a grande reunião na administração, não convidámos a população mas ela veio (pelos seus próprios meios) às centenas; o lugar estava tão cheio de pessoas que não havia espaço nem para cuspir.

Makukule: Do norte e do leste...

Ngwenya: Toda a região, de Massingir, Mabalane – todos estavam lá porque estavam bem informados sobre a nossa luta – sim!

Ent: Está a dizer que não foram somente os anciãos que participaram reunião na administração?

Ngwenya: Toda a gente do Guijá esteve lá; não foram apenas os anciãos que participaram.

Ent: Aha, aha, haa!

Ngwenya: Toda a gente esteve lá nesse dia, incluindo mulheres.

Ent: Quando os colonialistas vieram para cá, começaram a alienar a terra. Você deu o exemplo do padre que confiscou a terra, que, no fim de contas, acabou por ser devolvida aos legítimos donos. Qual é a situação hoje em relação à posse da terra, considerando o grande aumento na população desde essa altura? Existem queixas sobre a escassez de terras?

Nkuna: É compreensível que a população se queixe da escassez de terras porque este é o início do novo governo. A população, na minha opinião, cresceu muito desde ontem [era colonial]. Naquele período, muitas pessoas fugiam para as minas na África do Sul, dispersavam e viviam no Save escondidos. Mesmo os que ficavam cá, alguns iam esconder-se quando falhavam o pagamento dos seus impostos. Muitas destas pessoas regressaram à terra depois da independência. Em relação à agricultura, o murmúrio de descontentamento que se ouve tem a ver com o facto de termos um novo governo ainda em processo de se estabelecer.

Nenhum governo novo começa com respostas prontas para os problemas sócio-económicos existentes. As pessoas estavam

preocupadas com a distribuição da terra. Por exemplo, deste lado do Limpopo, a norma é atribuir-se um hectare a cada chefe de família – aqui no Caniçado – 1 ha.

Agora, o que é que uma pessoa com uma família grande – com crianças – pode fazer com 1 ha? Isto só pode ser suficiente para um homem com uma mulher e um filho.

Ent: Acredito que sim.

Nkuna: Seria melhor se a distribuição da terra tomasse em consideração o tamanho da família – para permitir a uma pessoa viver da terra. Deve ser também tomado em consideração que 1 ha, ou mesmo 5 ha neste caso, não são viáveis, visto que tudo depende das chuvas. Mas uma pessoa podia colher pelo menos alguma coisa de uma machamba maior, mesmo que houvesse pouca chuva. Sim, as pessoas estão lamentar-se porque não compreendem, nesta fase, como é que vai o governo em termos de formulação de políticas. Contudo, o governo irá finalmente pôr a casa em ordem, e então as pessoas estarão em paz.

Ent: Sim, de facto.

Nkuna: Se eu dissesse que não há injustiças, não estaria a dizer a verdade. Há queixas, mas essas queixas não chegam a ser críticas [destrutivas ao governo]. As pessoas estão acostumadas a cultivar 4 ha ou 5 ha, dependendo das suas capacidades, mas ao mesmo tempo algumas não conseguem sequer gerir mesmo 1 ha.

Ent: Sim.

Nkuna: Algumas não conseguem gerir mesmo um hectare porque nunca foram bons agricultores, mesmo no passado. Estes são únicos na comunidade que não reclamarão contra a actual prática de distribuição de terra.

Ent: Quando diz que na era colonial algumas pessoas fugiam para a África do Sul e para Mashonalândia [hoje Zimbabwe], nós estamos familiarizados com essa história. Quem eram as pessoas que fugiam para o Save, e onde é o Save?

Nkuna: Save – no lado sul africano da fronteira.

Jossias Machava [secretário do Grupo Dinamizador de Ximbomgweni]: Save é aquela área de Swighodanini [pequenas minas de ouro na área de Barberton].

Nkuna: Em Swighodanini, sim, sim! As pessoas partiam e fixavam-se lá. Não era preciso um contrato para trabalhar lá. A pessoa simplesmente trabalhava e cuidava da sua vida – e tudo isto por causa das (políticas) do regime colonial.

Ent: Agora vamos tentar terminar a nossa entrevista: Bem, quanto ao *Bava Mukavi*, nós já tivemos uma entrevista consigo, onde nos contou a história da sua vida e referiu o incidente em que foi atacado por um crocodilo e teve que ser tratado por uma mulher suíça até recuperar. Agora gostaríamos de ouvir do *Bava Nkuna* sobre a sua infância. Foi para a escola quando era jovem?

Nkuna: Fui para a escola aqui, no Caniçado, em 1931. Passei a terceira classe “rudimentar”. Em 1935-36 fui para Lourenço Marques, para me matricular na terceira classe “elementar”. Tive dificuldades de me sustentar a mim próprio durante o meu primeiro ano de escolaridade porque, embora eu fosse filho de um chefe, o meu avô não concordava que eu andasse na escola. Ele achava que a educação podia alienar-me (das minhas raízes culturais), e por isso não me dava dinheiro para me manter em Lourenço Marques. Enviava-me apenas 100\$00 por ano, por isso passei fome. Decidi matricular-me nas aulas nocturnas em 1937, e fiz o exame da terceira classe elementar em 1936.

Devido à falta de dinheiro, matriculei-me no curso nocturno em 1937, e trabalhava como empregado doméstico durante o dia. Trabalhei para um branco chamado João Silva Freitas. Este era o meu patrão e pagava-me 45 escudos por mês. Continuei na escola nocturna e passei a quarta classe. Depois decidi tornar-me professor e matriculei-me em Alvor, na Manhiça.

Ent: Conheço a escola!

Nkuna: Eu estava muito entusiasmado com a ideia de ser professor. O meu requerimento foi aceite pelo governo, mas pediram-me que apresentasse uma carta do padre católico confirmando que eu era católico. Mas eu não era católico, era protestante.

Ent: Aí é que você foi apanhado!

Nkuna: Eu disse ao governo que era protestante e não católico. Se para conseguir a carta que me permitiria ir para Alvor tinha de me tornar católico, então eu não estava interessado nisso. Eles tentaram

persuadir-me a ir fazer a formação de professores, mas eu já tinha abandonado a ideia. Sim, eu queria ser professor para poder ensinar os meus irmãos e irmãs [mas não à custa de] ter de me converter ao catolicismo.

Voltei para casa com a minha quarta classe e andei às voltas [em Guijá] perguntando a mim mesmo o que faria a seguir. Fiz uma carta a requerer um emprego nos Caminhos de Ferro, em Chókwè. Indiquei na carta que tinha feito a quarta classe, e passar a quarta classe era uma verdadeira proeza nesse tempo! Embora eu seja um velho hoje, ainda escrevo bem em português – sim! O meu requerimento foi indeferido, mas descobri mais tarde que a pessoa que recebeu o requerimento era menos qualificada do que eu – não tinha feito a quarta classe. Ele falava muito bem português mas obteve o seu emprego porque tinha um patrão nesse escritório. O meu requerimento foi rejeitado porque essa pessoa sentiu-se ameaçada por um indivíduo melhor qualificado do que ele.

Contudo, não fiquei desencorajado; fiz outro requerimento a solicitar colocação no Posto de Cultura de “IRIGADO” [Regadio], Vale do Limpopo – hoje conhecido por Posto Agrário, perto do Chókwè. Tive sucesso e fui informado de que seria escriturário do Barradas, o Engenheiro. Apresentei-me ao serviço, e isso foi em 1938. O Gil Barradas recebeu-me, com o meu certificado de quarta classe. Quando me informou que o meu salário seria de 4 escudos por dia – 120 escudos por mês, fiquei chocado. 4 escudos por dia, com a minha “quarta classe”. Recusei a oferta porque sabia que os outros empregados no seu escritório ganhavam mais do que ele me oferecia, embora não tivessem a quarta classe.

Comecei a pensar em ir para a África do Sul. Eu tinha lá um amigo e decidi escrever-lhe uma carta para ele me ajudar a arranjar emprego. Na altura eu não sabia mesmo onde era Joanesburgo, mas lá estava eu, com a minha boa formação, incapaz de arranjar emprego. Eu tinha então 21 anos. Fui para a WENELA, e posteriormente recrutado para as minas. O meu amigo prometeu encontrar-se comigo em Mzilikazi [mina da WENELA em Joanesburgo]. Viajei e passei Ressano Garcia, mas o meu amigo não apareceu para se encontrar comigo. Ele ter-me-ia levado para uma mina onde havia um parente

meu que era um *nduna*. O que é que eu faria agora que o meu amigo não me tinha ido esperar? Eu tinha no bolso uma quantia de 50 xelins em moeda sul africana, mas não falava inglês. Eu tinha convertido esse dinheiro em moeda sul africana em Komatipoort – mas o que é que eu faria agora?

(Felizmente) Eu estava na companhia de uma pessoa mais velha (com experiência), de Guijá. Ele avisou-me que devia tornar-me amigo do *mabalani* (o escriturário da WENELA em serviço) se eu quisesse conseguir ir para uma mina à minha escolha. Abordei o escriturário, com o meu companheiro mais velho a servir de intérprete: “...este é o meu filho que necessita da sua ajuda...”, e o escriturário disse “...hei, *mufana* (rapaz), como um novato nas minas, as coisas serão muito difíceis para si. Conhece a mina para onde quer ir?” Quando eu lhe disse que se chamava Hovolani, ele disse-me: “agora, ouça, quando eu gritar Hovolani você deve aproximar-se directamente. Venha e fique de pé justamente à minha frente. Vou dar-lhe uma bofetada na cara – como se não o conhecesse. Mas não fique desencorajado por isso – continue a andar para frente”.

Todos os presentes: Ha, ha, haaa!

Nkuna: Fiz como ele mandou. Quando ele gritou, “Hovolani”, eu movi-me rapidamente e coloquei-me em frente do *mabalani*. Ele esbofeteou-me na face, mas continuei, passei por ele e fui ficar na fila. Alguns recrutados que lutavam para entrar na fila depois de mim foram rejeitados – havia muito mais pessoas do que eram necessárias para Hovolani naquele dia. Mas lá estava eu, justamente à cabeça da fila, ainda com dores, naturalmente, por causa da bofetada que havia apanhado na face!

Makukule: Vocês estavam a lutar pela vossa sobrevivência – nada fácil!

Nkuna: Depois de os nossos papéis terem sido processados, fomos transportados para o acampamento da nossa mina. Fui indicado para trabalhar no subsolo, e trabalhei lá como *lasher* antes de ser mandado para os túneis – novamente como *lasher*. Mas, a sorte estava comigo porque encontrei aqui uma pessoa que vinha de Saviyela, onde tinha conhecido alguns Nkunas. Esta pessoa transferiu-me imediatamente do meu trabalho de *lashing* e fez de mim um *mabalani*, para fazer o

registro dos instrumentos de perfuração (*majombolo*). Eu tinha de apresentar o registro desses instrumentos no fim de cada turno a este homem que, por seu lado, o entregava a um branco. Estive neste trabalho durante seis meses. Daí em diante deram-me um trabalho na superfície como ‘*rapaz jardineiro*’ em casa do Director da Mina, Sr. C. H. Gischer,⁹ um russo. Foi emitido um regulamento, enquanto eu trabalhava aqui, que impedia os empregados das minas de trabalhar nas casas dos gestores da mina. Tive então que voltar para o acampamento, onde trabalhei como ‘*rapaz*’ da cozinha até que terminei o meu *xibalo* (contrato) e voltei para casa.

No meu regresso para o segundo contrato, colocaram-me como ‘chefe’ da cozinha. Então, veio um aviso a dizer que era necessária uma pessoa para trabalhar em casa do Director Geral, e que devia ser alguém considerado ‘um rapaz esperto’. Perguntaram-me se sabia passar a roupa a ferro e se sabia falar inglês. Sim, eu sabia passar a ferro, uma vez que tinha trabalhado como empregado doméstico em Lourenço Marques, mas não sabia falar inglês. Consegui o trabalho. O Director Geral considerou o meu trabalho satisfatório e prometeu pagar-me um bom salário. Os 2 xelins que recebia no emprego anterior foram aumentados em 8 pences, passando o salário para 2 xelins e 8 pences! Trabalhei lá durante dois anos.

Ent: Antes de regressar para casa de férias?

Nkuna: Antes de voltar para casa. Veja, eu trabalhava para o “grande”, e por isso o fim do contrato era sempre ignorado. Trabalhei 24 meses até me concederem férias em casa. Quando regresssei para o meu terceiro contrato, o regulamento que proibia os gestores de usar trabalhadores das minas nas suas casas privadas tinha sido reintroduzido. O Director Geral disse-me: “...tudo bem Eduardo; você tem que voltar para a mina...”!. Ele fez uma chamada dando instruções para eles me colocarem como ‘chefe’ de cozinha de dia. Deram-me ainda, para além das minhas tarefas normais, um responsabilidade especial pelo talho – uma posição antes ocupada por um Xhosa.-Nesta altura comecei a ter lições de inglês à noite. Em 1948 regresssei para terra. O meu avô, que estava doente, morreu

⁹ Conforme se percebeu.

em Agosto de 1948. Como eu era o neto mais velho, fui escolhido numa reunião (*Bandla*) – i.e., todas as pessoas disseram que o Eduardo deve suceder o seu avô como chefe. Fui assim escolhido, em 1948, como régulo da terra de Nkuna (oficialmente) conhecida como regedoria Machele (Maxele). Tornei-me régulo em 1948, e (daí em diante), trabalhei estreitamente com o regime colonial. Fui empossado pelo regime colonial como régulo. Eles seguiam-me por trás e verificavam tudo o que eu fazia. Trabalhei com régulo desde 1948 até à Independência Nacional (1975). Não tive nenhuns problemas tanto com o regime colonial como com as pessoas – fora da vigilância da PIDE. Esta é a história da minha vida. Hoje continuo a fazer o meu trabalho como machambeiro.

Nasci em 1917, no mês de Setembro. A minha data de nascimento foi atribuída pelo meu tio materno, que era pastor. Não conheço o dia em Setembro, mas se não fosse o meu tio, eu não saberia que tinha nascido em Setembro de 1917.

Ent: Muito obrigado, Machele. Eu tenho relação com os Machele (clã), por parte da minha mãe. A minha mãe era Machele, n’wa Nkuna.

Nkuna: Haa!, você é da nossa casa, de facto!

Mukavi: Tal como o meu “filho” que acabou de falar, eu gostaria de acrescentar alguma coisa ao que ele contou.

Ent: *Bava*, acrescente.

Mukavi: Quando ele (o Nkuna) regressou das minas, não aceitou a posição de chefe para a qual havia sido escolhido. Subsequentemente escrevi-lhe uma carta, insistindo para que ele aceitasse a chefia, visto que não havia mais ninguém (mais apropriado) para ocupar aquela posição na casa dos Nkuna.

Ent: Escreveu para ele enquanto estava ainda na África do Sul?

Mukavi: Aqui, em casa, quando ele recusou a chefia, chegaram-lhe duas cartas simultaneamente - uma do seu tio Isaya – o irmão da sua mãe. As duas cartas chegaram-lhe no mesmo dia, a convidá-lo para conversas separadas, com o seu tio e comigo, respectivamente. Ele foi ter primeiro com o tio, que insistiu: “meu filho, a terra dos Nkuna é grande (importante) e não pode ser governada por qualquer pessoa a não ser você...!” A seguir à conversa com o seu tio ele veio ter

comigo, e eu argumentei com ele: “...você não pode recusar a chefia porque a terra dos Nkuna não tem mais ninguém para ocupar aquela posição”!

Argumentei com ele até ele submeter-se e aceitar a posição de régulo. Ele então governou as pessoas da maneira como descreveu. Ele tornou-se um filho adotivo na minha casa porque vimos nele um cristão exemplar. Contudo, ocorreu qualquer coisa inconveniente durante a sua chefia: por instigação da irmã da sua mulher, Nkuna foi persuadido a levar uma segunda mulher – parente da instigadora. O Nkuna viu-se então numa situação difícil.

Ent: Bem, bem, bem! [Nkuna estava um tanto embaraçado, mas tentou manter-se calmo].

Mukavi: Isto foi um assunto sério que tem de ser mencionado [nesta entrevista].

Nkuna: Sim, compreendo isso.

Mukavi: Nós (família Mukavi) tomámos este assunto muito a sério. Sentimos que o nosso ‘filho’ tinha perdido o caminho [como um cristão]. O que é que ele faria a seguir, interrogámo-nos? Tínhamos receio de que a próxima coisa que ele fizesse fosse lançar ossos como um adivinho, ou começar a beber álcool.

Eu e a mãe do Luís [mulher do Mukavi] decidimos agarrar o touro pelos cornos e dirigimos a nossa atenção para a jovem noiva. Tentámos persuadi-la (forçá-la) a anular o casamento. Também falámos repetidas vezes com o Machele (Nkuna) e com a sua primeira mulher – tentando mostrar a ele que desposar uma segunda mulher só serviria para minar a sua autoridade. Nós trabalhámos nisso durante o ano inteiro, durante o qual a jovem noiva deu à luz o seu primeiro filho. Contudo, no fim, o Nkuna abandonou a sua segunda mulher – anulou o casamento – mas não exigiu o lobolo de volta à família dela e aceitou a responsabilidade de tomar conta da criança.

Mukavi: Sim, ele pagou as despesas do casamento do seu filho, e esta foi a prova de que este mufana [rapaz] era uma pessoa especial. Ele ocupou a posição de “primeiro filho” na casa do Gabriel Mukavi. É muito importante falar sobre isto porque nós sentimos que o tínhamos resgatado da lama.

Ent: Kanimambo.

Agora, *bava* Makukule, e sobre você – quando é que nasceu, como é que cresceu, foi para a escola?

Makukule: Fui para a escola mas não aprendi *xilungo* [língua dos brancos] – aprendi a minha língua materna, a língua da terra.

Ent: Sim.

Makukule: Não passei nenhum exame. Eu era um crente e Deus ajudou-me. De acordo com o que eles me disseram, nasci em 1904. O meu pai não sabia ler nem escrever – não sabia nada a esse respeito. Eu não tenho nem possuo nada relacionado com escolarização, excepto a bíblia.

Ent: Quantos anos é que passou na escola que frequentou? Que grau passou?

Makukule: Não há graus na igreja, eu era precisamente um membro da congregação.

Ent: Trabalhou na África do Sul?

Makukule: Fui em 1927, e o meu segundo contrato foi em 1930.

Voltei de vez para casa em 1932.

Ent: Comprou uma charrua na África do Sul – em preparação das suas futuras actividades agrícolas?

Makukule: Comprei a charrua aqui na terra depois de voltar da África do Sul.

Ent: Já teve gado?

Makukule: Mm! Também comprei gado aqui, cá na minha terra. O gado era barato nesse tempo por causa dos portugueses. Uma pessoa podia comprar uma vaca por 100 escudos ou 150 escudos. Comprei os meus bois e comecei a lavar.

Ent: Kanimambo.

Bava Ngwenya, você e eu tivemos uma conversa em Ximbomgweni (15 de Maio de 1980), quando você falou da sua infância. Na nossa chegada para esta entrevista hoje, eu ouvi-o a aclamar o seu *xivongo* (canção de louvor da linhagem) – talvez fosse sobre a linhagem de Ngungunhana. Pode recitar a canção de exaltação de Ngungunhana – da maneira como faziam os seus Conselheiros?

Ngwenya: Ha, ha,ha! Bem, aprendemos isso com a geração dos nossos avós.

Ent: É isso que nós gostaríamos de ouvir.

Ngwenya: Nós ouvíamo-los quando cantavam as canções de louvor dos *swivongo*¹⁰. É uma boa coisa (como um rapaz) ter um estreito relacionamento com os anciãos. Eu adorava andar à volta do meu avô porque ele era um *Mbhoza* (dos Regimentos de Manukosi)¹¹. Eu costumava comer com o meu avô – e foi aí que descobri que a carne de *ghoya* (gato doméstico que abandonou a casa e se tornou selvagem) era muito deliciosa, porque o meu avô comia esta carne – sim, ele comia. Eu pessoalmente comi *ghoya*.

No fim da refeição o meu avô disse: “..*hawu*, neto..., *se wu shuthe?* (neto, estás satisfeito)?” – em zulu. Quando eu disse, “sim, fiquei satisfeito”, ele então continuou “..sabes que tipo de carne é que acabaste de comer”? Quando eu disse que não sabia, ele então disse “..foi *ghoya*”!

Todos os presentes: (reberentaram a rir) ha, ha, ha, hee, hee, hee!

Ngwenya: Já não se podia fazer nada, eu já tinha comido carne de *ghoya*.

Um dia ele disse-me que o Rei Ngungunhana aparecia de manhã cedo, assim que o sol nascia. Nessa altura os *madhoda* (conselheiros) deviam já estar sentados, esperando por ele na *bandla* (corte). O cantor que entoava a canção de louvor, que devia estar entre eles, devia surgir assim que o Rei aparecesse e louvá-lo desta maneira:

¹⁰ Plural de *Xivongo*.

¹¹ Ver *Swiwongo Swa Machangana* por A. A. Jacques (Cleveland, Transvaal, 1971) p.15

O rei podia agora (com toda a dignidade e orgulho) sentar-se. O cantor terminava a sua aclamação com “*Hayethi, Hayethi, Hayethi! (Bayethi)*” Esta era a canção de louvor que eu cantava quando vocês quando cheguei aqui – e que me foi ensinada pelo meu avô. .

Ent: E sobre o seu próprio *xivongo* – aquele dos Ngwenya (clã)?

Ngwenya: Eu não tenho nenhum.

Ent: E você, *kokwani* Makukule?

Makukule: Nós ficámos estragados por integrar a igreja. Contudo, tentámos anotar a história (dos *swivongo*).

Ent: Bem, um dia teremos oportunidade de ver tudo o que vocês escreveram.

Makukule: Nós vamos desenterrar essas anotações.

Ent: E o *bava* Nhlongo, conhece algumas canções de louvor?

Nhlongo: Não, não conheço nenhuma.

Ent: Bem, não importa se você não conhece nenhuma.

Nhlongo: Mas posso falar da minha origem, como cresci.

Ent: Vamos, conte-nos.

Nlongo: Fui criado pelos meus avós depois da morte do meu pai. Tudo o que sei eles é que me ensinaram. Posso dizer que nasci em 1904 e fui para a escola em 1913. Por causa da morte do meu pai, e o facto de a educação não ser muito valorizada nesses tempos, não fiquei muito tempo na escola – só fiz a terceira classe. Em 1919, fugi e fui à procura de emprego na África do Sul. Trabalhei lá por alguns anos, uma vez que essa era a única forma de me ajudar a mim próprio.

Ent: Você trabalhou nas minas?

Nlongo: Se trabalhei nas minas? Não, trabalhei num hospital e na cozinha.

Ent: Você foi recrutado como mineiro, mas encontrou um serviço fora das minas?

Nlongo: Sim, fui recrutado para as minas mas deram-me um trabalho na superfície. Tinha um tio, irmão da minha mãe, que trabalhava no hospital [da mina]. Mandaram-me trabalhar no “motor” [casa das máquinas] na superfície. Quando o meu tio regressou à terra, ele obteve autorização do chefe dele para que eu o substituísse no seu trabalho no subsolo, como substituto de um trabalhador cuja tarefa

era manter o registo dos *madjombolo* – instrumentos de perfuração. Depois disso, mandaram-me de volta para o meu trabalho à superfície, e mais tarde voltei à terra para me concentrar na agricultura, depois do meu último contrato.

Ent: Obrigado.

Agora, e você *bava* Nxumayo, qual é a história da sua vida?

Nxunayo: Não tenho muita coisa a dizer.

Ent: Diga-nos um pouco do que você quiser contar.

Nxumayo: No que diz respeito à educação, não recebi nenhuma. Embora tivesse ido à escola, não fiquei lá muito tempo – saí de lá sem ter aprendido nada. Então fui para as minas, onde trabalhei durante quatro contratos nas “pequenas minas” (área mineira de Badton). Daqui voltei para terra, para assumir a chefia, e hoje estou envolvido na agricultura. É tudo o que eu posso dizer sobre mim.

Ent: Obrigado.

Ent: Este foi um grande dia para mim. Quero exprimir os meus agradecimentos a todos vocês, os anciãos de Guijá, por tudo quanto me ensinaram hoje sobre a vossa história. Espero visitar-vos de novo no futuro para aprender mais convosco sobre a história de Gaza.

Mukavi: Nós é que devemos agradecer o interesse que mostrou pelas nossas antigas actividades. Nunca pensámos que alguém estivesse interessado na nossa história. Esperamos que algumas das coisas que você gravou sejam publicadas. Nós consideramo-lo como moçambicano de facto, você é moçambicano. Os seus antepassados deixaram o seu cordão umbilical aqui em Moçambique. A extensão de terra daqui (Caniçado) para a fronteira sul africana é a terra dos Ngoveni (nome do clã do entrevistador). Metade dos Ngoveni atravessaram a fronteira e instalaram-se no Transval (durante as invasões Nguni – por volta da 1820), por isso você é filho desta terra.

Makukule: Nós estamos tão gratos (pela sua visita) que gostaríamos de nos manter em contacto consigo para que nos possa dar conselhos sobre algumas “coisas”: nós temos algumas coisas nos nossos corações para lhe perguntar. O problema é que nós ainda temos medo – uma sequela do (tempo) dos portugueses. Quando falo consigo, lembro-me do trabalho forçado, lembro-me do tempo em que uma pessoa podia ser chamada (para comparecer perante o adminis-

trador). Nós ainda vivemos sob o medo experimentado no tempo do regime colonial, porque você, o nosso próprio filho, assusta-nos quando nos fala dos portugueses, quando fala sobre “...a linha da FRELIMO” com um lápis na mão, lápis esse que os portugueses usavam para nos assustarem.

Ent: Lápis vermelho (como o que o entrevistador tinha na mão nessa altura)?

Makukule: Sim, os lápis vermelhos eram usados para nos desencorajar de colocar questões às autoridades (sobre as razões de queixa da comunidade).

Ent: Khanimambo.

Makukule: Ficaremos muito felizes se nos visitarem de novo.

Ent: (para o Nkuna) Já terminou ou tem mais alguma coisa para dizer?

Makukule: É ele (como antigo régulo) de facto, que deve fechar a conversa.

Nkuna: Estamos agradecidos, de facto (pela sua visita). Eu sou (dizem) um opressor porque trabalhei com os portugueses (autoridades). Nesta terra (hoje) chamam-nos de (ex-régulos) opressores – nós não temos outro nome além de “opressor”. Hoje estou muito feliz por ter estado presente nesta *bandla* a que você, *bava* Ngoveni (apelido do entrevistador) presidiu. Você mostrou-nos que, embora seja (mais) educado (do que nós), ainda é nosso filho. Estamos felizes por lhe contar o que sabemos e o que nos contaram. Quando lhe contei como fomos governados como “escravos”, você perguntou-me o que é que eu queria dizer com a palavra “escravos”. Foi o meu avô que contou – não o meu pai. O meu avô é que conhecia o significado de “escravo”. Estamos cientes de que o que lhe contámos hoje terá alguma utilidade para os nossos netos porque (o que foi registado) será preservado.

Quanto a mim, tenho receio de falar sobre assuntos relacionados com a chefia. Ainda que saiba no meu coração que trabalho fiz para a FRELIMO (durante a Luta Armada) – eu sei o que fiz... (mas não vou vangloriar-me por isso). Lembro-me mesmo dos nomes daqueles que trabalharam comigo, embora alguns deles tenham morrido – mortos pelos portugueses – a PIDE.

Alguns seriam capazes de testemunhar e confirmar que (o Nkuna) fez isto e aquilo. Mas tenho receio porque dizem-nos todos os dias que os chefes já não são precisos. Onde iremos – onde viveremos, até quando temos que ouvir este tipo de conversas todos os dias? A resposta é que vou morrer aqui em Moçambique – sou moçambicano! Fui controlado (mas tentei) lutar contra as coisas que o meu colonizador queria que eu fizesse. Nós, os chefes, tínhamos que fazer aquilo que os governantes exigiam de nós. Nós, os chefes, éramos polícias (do regime colonial). Nenhum chefe, *bava* Ngoveni, devia receber 500 escudos por ano, mas isso é o que recebíamos, e isso só a partir de 1948. Antes, esses chefes não recebiam nada. Mesmo então, foram apenas os régulos que receberam pagamento a partir de 1948 para diante. Um régulo não tinha muita gente nos seus domínios, por exemplo, na minha regedoria eu tinha apenas 17.000 pessoas.

Makukule: E você recebia apenas 500\$00!

Nkuna: Eu recebia apenas 500\$00.

Isso significa que eu era mesmo um chefe?

Eu não era um chefe; era um empregado doméstico. Contudo, depois da sua derrota, os colonialistas fugiram, deixando-nos para suportar o fardo da sua culpa. Nós é que somos criticados hoje, e estamos a ser criticados pelos nossos irmãos, pelos nossos filhos, por coisas pelas quais não somos responsáveis. Nós éramos empregados que tinham que obedecer ordens, e eu quero dizer isso abertamente. O que ouvimos, dia após dia, é que “os régulos não são mais necessários; os chefes não são mais necessários!” Quando é que estes criticismos e acusações irão terminar? Nós ansiamos por sentir que somos também moçambicanos. Isto é doloroso. Sentimo-nos alienados e estamos com medo. Eu estava com medo quando vim para esta reunião – ansioso por saber o que é que me podia estar reservado. Tenho medo de falar porque eu era um régulo – uma pessoa acusada de ter sido um opressor justamente como os portugueses foram! As coisas não foram assim: nós recebíamos ordens dos portugueses para fazer o que eles queriam que nós fizéssemos – “... vai prender esta e aquela pessoa; vai fazer isto e vai fazer aquilo...” Não podíamos recusar porque tínhamos medo

dos castigos corporais. Podíamos apanhar palmatória até as nossas mãos sangrarem. E isso, *bava* Ngoveni, era muito doloroso. (Verdade) nós fizemos muitas coisas porque estávamos a obedecer ordens, mas algumas coisas fizemo-las por causa da nossa fraqueza. Fiquei contente por ter a sua garantia de que nada (me) ia acontecer, e que se espera que as coisas venham a melhorar no futuro. Estou ansioso pelo dia em que verei um 'jeep' (carro do governo) chegar à minha casa e convidar-me para ir fazer alguma coisa (participar nos esforços de desenvolvimento do país). Felizmente, eu sou auto-confiante; eu estou em paz (comigo mesmo) porque trabalho para me ajudar a mim próprio.

Eu dependia da agricultura mesmo quando era régulo. Era um machambeiro que dependia da sua própria terra – a terra que a (Governo) FRELIMO transformou em machambas estatais. Deram-me um pedaço de terra e é dele que vivo.

Ent: Kxanimambo.

OS LOUVORES A NGUNGHANA

<p>Wena ungange zulu Uyi juba elihlezi phezu kwe mithi</p> <p>Uyi qamu eziphete ngoko buthu</p> <p>Uyi nyathi eya jama ethuzini le ntaba</p> <p>Amaqheine-ndleya masabe kuya shaya</p> <p>Uyi mbavazani eya thandeya amahlathi</p> <p>Uyi Ngwani kanye no Habangwana</p> <p>Uyi isighodo maqina singa phanhe</p> <p>U'mghanu wa hluma mini ka Mandhlakazi</p> <p>Wati wa bona ntambama wa hohloka</p> <p>Athi hoya kampa Nkomo</p>	<p>Você que é como os céus Você é um pombo empoleirado numa</p> <p>Árvore Você é o varano¹³ quem comanda todos os regimentos</p> <p>Você é o búfalo que fica na baía do lado da sombra junto à montanha</p> <p>Os guardas do trilho temendo atacá-lo</p> <p>Você é o (antílope) que anda às voltas pelas florestas</p> <p>Yingwani juntamente com Hlawangwani¹⁴</p> <p>Vocês são um bloco vacilante, Um canhoeiro deverá estar verde de dia em Manjacaze</p> <p>Mas à tarde ele murchou¹⁵ todo.</p>
---	---

¹² Reptil saurio forte.

¹³ Chefes Dzivi (Tswa) no actual Distrito de Morrumbene (Inhambane)

¹⁴ Ou: As folhas caiem.